



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Departamento de Ciências Econômicas
Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial – MDPT

LEANDRO DA COSTA

EXPANSÃO DO SETOR DE SERVIÇOS EM GOIÁS:
CONFIGURAÇÃO REGIONAL (1999-2008)

Goiânia-GO

2011



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Departamento de Ciências Econômicas
Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial – MDPT

LEANDRO DA COSTA

**EXPANSÃO DO SETOR DE SERVIÇOS EM GOIÁS:
CONFIGURAÇÃO REGIONAL (1999-2008)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Planejamento Territorial da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento e Planejamento Territorial - Área de concentração: Desenvolvimento e Planejamento Regional.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Duarte de Castro

Goiânia-GO

2011

C837e Costa, Leandro da
Expansão do setor de serviços em Goiás :
configuração regional (1999-2008) / Leandro da Costa.
– 2011.
74 f. : il.

Bibliografia: f. 68-70.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Departamento de Ciências
Econômicas, Goiânia, 2011.

“Orientador: Prof. Dr. Sérgio Duarte de Castro”.

1. Serviços (economia) – Goiás (Estado) – 1999-
2008. 2. Economia – Goiás (Estado) I. Pontifícia
Universidade Católica de Goiás. Departamento de
Ciências Econômicas. II. Castro, Sérgio Duarte de. III.
Título.

338.46(817.3)(043.3)

CDU:

LEANDRO DA COSTA

**EXPANSÃO DO SETOR DE SERVIÇOS EM GOIÁS:
CONFIGURAÇÃO REGIONAL (1999-2008)**

DATA DA DEFESA: 13 de maio de 2011

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Sérgio Duarte de Castro (PUC-GO)
(Orientador)

Prof. Dr. Antônio Pasqualetto (PUC-GO)
Examinador

Prof. Dr. João Batista de Deus (UFG)
Examinador

Prof. Dr. Luis Antonio Estevam (PUC-GO)
Examinador substituto

Dedicatória

Ao meu pai, José Antônio da Costa (*in memoriam*).

Agradecimentos

À Deus, pela proteção de sempre, ao Dr. Sérgio Duarte de Castro, além de orientador desta dissertação, foi para mim, com grande satisfação, professor na graduação e coordenador do projeto de pesquisa FEPESE/BNDES, obrigado por tudo, pois sem sua grande contribuição, o trabalho não seria o mesmo. De maneira mais simples, meu muito obrigado.

Aos professores e às professoras do Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial e aos professores do PROCAD/UNICAMP com quem tive aulas e que contribuíram de alguma forma para a elaboração deste trabalho. Em especial ao coordenador do curso, Dr. Aristides Moysés, pelo incentivo e pelo apoio.

Aos professores Dr. Carlos Leão e Dr. Luis Antônio Estevam, componentes da banca de qualificação, de grande valia foram suas sugestões, que possibilitaram uma melhor composição da dissertação. E também meus sinceros agradecimentos por terem contribuído significativamente com minha formação, desde a graduação até o mestrado.

Ao Dr. João Batista de Deus e Dr. Antônio Pasqualetto obrigado pelas contribuições na banca final.

Aos servidores da SEGPLAN/Goiás, em especial Marcos Arriel (companheiro de pesquisa), pela imensurável contribuição.

Ao professor Luiz Alberto Gomes de Oliveira, na ocasião Secretário da Seplam Goiânia, que me acolheu junto a Diretoria de Pesquisa, Estatística e Estudos Socioeconômicos, possibilitou a mim a concretização de desta grande conquista.

Aos funcionários do Mestrado em Planejamento e Desenvolvimento Territorial, em especial a Mell, Raquel e Alessandra pela boa vontade com que sempre me atenderam.

Às colegas e aos colegas do Mestrado, que conseqüentemente se tornaram amigos, em especial ao Marcos Haddad, Deborah, Clésia, João Lemes, Cáritas, Alessandra, Luciene, Leila Rezende (companheira de pesquisa), Wagno Pereira (companheiro de pesquisa), obrigado pela amizade pelas discussões sempre proveitosas, que contribuiu muito para o trabalho.

Às colegas e aos colegas da Secretaria Municipal de Planejamento e Urbanismo de Goiânia, ex-secretário Sebastião Ribeiro, em especial aos integrantes do Departamento de Pesquisa Estatística e Estudos Socioeconômicos, Carla e Maria da Conceição, Luciana e Demian pelo companheirismo e incentivo. Em especial à Diretora Mara Natércia, por compreender minhas necessidades e por tanto ter me ajudado.

E aos grandes amigos Thiago Albernaz Pereira e Clésio Lima Fernandes, Marcos Rodrigues Vieira, obrigado pela grande força em vários momentos.

A minha família, que é minha base, obrigado pela paciência e pelo carinho, à minha mãe, Divina, que me proporcionou a vida, meus irmãos, Cristiano e Alessandro, minhas cunhadas, Lorena e Sara e com grande amor, a minha esposa, Fabiana, que tanto me ouviu e vivenciou cada momento de angústia, até a conclusão da dissertação e juntamente com minha filha, Luany, que são as minhas principais motivações.

Resumo

Esta Dissertação trata da expansão, transformações e configuração espacial do setor de serviços em Goiás no período 1999 a 2008. Ela verifica a relação entre essa expansão o crescimento e a desconcentração da atividade industrial do Estado nesse período, com foco na dinâmica espacial dos dois movimentos. Analisa as características e evolução dos diversos tipos de serviços cotejando-as com o perfil da estrutura industrial e considerando o movimento de polarização da economia goiana. Buscou-se suporte nas teorias clássicas sobre o setor de serviços, decomposto em quatro segmentos, e na teoria de desenvolvimento regional, para, posteriormente, trabalhar os dados referentes ao setor de serviços e da indústria, da Relação Anual de Informações, do Ministério do Trabalho e do PIB dos Municípios, da Seplan-Go. Desse modo, constatou-se que os serviços em Goiás, considerando a evolução das ocupações, possuem certa relação com a indústria. Quanto à concentração regional, dos três setores, os serviços possuem maior concentração espacial, superando a concentração industrial. As aglomerações empresariais dos serviços são articuladas e diversificadas com atividades específicas da indústria, principalmente com atividades relacionadas à tecnologia. A distribuição espacial das atividades de serviço em sua expansão acompanhou a trajetória da indústria revelando, entretanto, um maior grau de concentração inicial e uma resistência maior à descentralização. Os segmentos mais modernos dos serviços produtivos, estratégicos na localização das indústrias intensivas em conhecimento, revelaram-se os mais concentrados, principalmente na região metropolitana. A distribuição relativa entre as atividades de serviços nos municípios se relaciona com o tipo de indústria, sua expansão e diversificação, grau de enraizamento local, bem como com a posição do município no processo de polarização das atividades econômicas no Estado de Goiás.

PLAVRAS-CHAVE: Desconcentração econômica, Economia goiana, Setor de Serviços em Goiás, Dinâmica espacial e Perfil dos Serviços.

Abstract

This thesis deals with the expansion, changes and spatial configuration of the service's sector in the State of Goiás from the 1999-2008. It examines the relationship between this expansion, growth and the desconcentration of industrial activity of the state, during this period, with a focus on spatial dynamics of these two movements. For that analyzes the characteristics and evolution of different types of services comparing them with the profile of the industrial structure and considering the movement of the polarization of the Goiânia city economy. It was verified that the spatial distribution of service activities in their expansion followed the path of the industry reveals, however, a greater degree of initial concentration and a greater resistance to decentralization. The research also showed a difference between the dynamics of the various types of services, revealing that the productive services, unlike the others, it had increased its concentration in the expansion, crowding, especially in the metropolitan region. On the other hand personal services were the most decentralized in relation to the metropolitan area, responding to population expansion and improvement of income in the emerging industrial centers of the state. The segments in the strategic location of knowledge-intensive industries, the most modern of productive services, proved to be the most concentrated. They had, however, some devolution, revealing that the industry of the state, especially the agro-industry, increasingly it calls for more sophisticated services. It was also explained that small desconcentration of services was limited, even more strongly that the industry in a limited number of municipalities. The relative distribution between the service activities in the municipalities is related to the type of industry, its expansion and diversification, degree of local roots, as well as the position of the municipality in the process of polarization of economic activities in the State of Goias.

KEY WORDS: Economic Desconcentration, The economy in Goiânia, The Sector of Services in Goiás, Spatial Dynamics and Profile of Services.

Lista de Figuras

Figura 1: Rede urbana - Brasil - 2007	24
Figura 2: Valor Adicionado do Setor de Serviços no PIB de Goiás 1999-2008 (R\$milhões).....	34
Figura 3: Estrutura do Valor Adicionado por grandes atividades no PIB de Goiás 1999-2008 (%).....	36
Figura 4: Participação Percentual das Empresas de Cada Categoria de Serviços no Número Total de Empresas no Setor de Serviços em Goiás (1999 e 2008).....	40
Figura 5: Participação Percentual de Ocupados, Dividido por categorias no Setor de Serviços – GOIÁS – 1999/2008.....	42
Figura 6: Distribuição percentual do número de empresas de serviços no Brasil, Centro Oeste e Goiás segundo porte – 2008.....	44
Figura 7: Distribuição percentual do número de ocupados do setor de serviços no Brasil, Centro Oeste e Goiás segundo porte – 2008.....	45
Figura 8: Distribuição percentual do número de trabalhadores por empresa e por porte em Goiás, 2008.....	46
Figura 9: Participação da Região Metropolitana de Goiânia (RM) e dos municípios do interior de Goiás, no total do VA de Serviços e da Indústria em Goiás (1999 e 2008).....	49
Figura 10: Gráfico 9: Percentual do total estadual do VA de Serviços e do VA da Indústria dos 10 municípios de Goiás com maior participação nos dois indicadores* (1999 e 2008).....	52
Figura 11: Macropólos Brasileiros e Áreas de Influência	57
Figura 12: Municípios pólo de Goiás e suas áreas de mercado.....	59

Lista de Quadro

Quadro 1: Municípios com maiores participações no Valor Adicionado da Indústria e no VA de Serviços* (2008)	53
Quadro 2: Localização das principais atividades industriais em Goiás - 2007	54
Quadro 3: Índices de Terceirização Ajustado (It*) dos municípios de Goiás com o índice acima de 0,20 - 2008	58
Quadro 4: Municípios com maiores participações no Valor Adicionado da Indústria e no VA de Serviços* (1999 e 2008)	61

Lista de Tabelas

Tabela 1: Participação de cada tipo de serviço e seus segmentos no VA de serviços do Estado (2002-2008).....	37
Tabela 2: Participação do VA de Goiás no VA do Brasil por tipo de atividade e seus segmentos (2002-2008)	38
Tabela 3: Distribuição do número de empresas e de empregos em Goiás por setor de atividades (1999 e 2008).....	40
Tabela 4: Brasil: Classificação Adotada pelo SEBRAE.....	44
Tabela 5: Participação do Valor da Transformação Industrial das Grandes Regiões Geográficas do Brasil – 1970/2007	47
Tabela 6: Participação da Região Metropolitana de Goiânia (RM) no total de empregos formais no segmento de serviços em Goiás, por tipo (1999 e 2008).....	50
Tabela 7: Número de grupos CNAE 2.0 da indústria e de serviços presentes na estrutura produtiva e população de municípios selecionados de Goiás (2008)	56
Tabela 8: Participação percentual do VA de serviços de municípios escolhidos de Goiás no VA total de serviços no Estado.	64
Tabela 9: Distribuição do número de empregados no setor de serviços por tipo em municípios escolhidos de Goiás - 2008.....	65
Tabela 10: Quantitativo de Empresas, Emprego e Renda Média, dividido por Setores - Brasil, Centro-Oeste e Goiás – 2007	72
Tabela 11: Quantitativo de Empresas, Emprego e Renda Média, dividido por Setores - Brasil, Centro-Oeste e Goiás – 1999	72
Tabela: 12 - Classificação das Empresas na Indústria e no Setor de Serviços Setor Quanto ao Porte* - 2008	73
Tabela: 13 -Classificação das Empresas na Indústria e no Setor de Serviços Quanto ao Porte* - 1999	73
Tabela: 14 - Classificação do Quantitativo de Empregados por Setor Quanto ao Porte* - 2008	74
Tabela: 15 - Classificação do Quantitativo de Empregados por Setor Quanto ao Porte* - 1999	74

Lista de Siglas

CAGED.....	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CEDEPLAR...	Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional de Minas Gerais
CLT.....	Consolidação das Leis do Trabalho
CNAE.....	Classificação Nacional da Atividade Econômica
CONCLA.....	Comissão Nacional de Classificação
FPM.....	Fundo de Participação dos Municípios
IBGE.....	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IE/UNICAMP.....	Instituto de Economia/Universidade Estadual de Campinas
IPEA.....	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IT.....	Índice de Terciarização
MTE.....	Ministério do Trabalho e Emprego
PAC.....	Pesquisa Anual do Comércio
PAS.....	Pesquisa Anual dos Serviços
PIB.....	Produto Interno Bruto
POLOCENTRO.....	Programa de Desenvolvimento dos Cerrados
PNAD.....	Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios
RAIS.....	Relação Anual de Informações Sociais
REGIC.....	Regiões de Influência das Cidades
SEBRAE.....	Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas
SEPLAN-Go.....	Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento do Estado de Goiás
SEPIN.....	Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação
SIDRA.....	Sistema IBGE de Recuperação Automática
UFMG.....	Universidade Federal de Minas Gerais
VA.....	Valor Adicionado
VAserv.....	Valor Adicionado do Setor de Serviços
VTc.....	Valor Adicionado Total Convertido
Vti.....	Valor Adicional Total do Município
RMG.....	Região Metropolitana de Goiânia

Sumário

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 SETOR DE SERVIÇOS, QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS	17
1.1 Debate Teórico Sobre o Setor de Serviços.....	17
1.2 Urbanização e Concentração Populacional	21
1.3 Fatores de Localização do Setor de Serviços em Goiás	26
1.4 Aspectos Metodológicos	27
1.5 Os municípios Polos e a Distribuição Regional dos Serviços	30
CAPÍTULO 2 CRESCIMENTO E TRANSFORMAÇÕES DO SETOR EM GOIÁS ...	34
2.1 Crescimento do Valor Adicionado Setor de Serviços em Goiás	34
2.2 Evolução do número de empresas e de empregos	39
2.2.1 Composição e evolução do número de empresas por segmento	40
2.2.2 Composição e evolução do número de empregados por segmento	42
2.3 Classificação das empresas por porte	43
CAPITULO 3 CONFIGURAÇÃO ESPACIAL DO SETOR DE SERVIÇOS EM GOIÁS	47
3.1 Expansão e distribuição espacial do Setor de Serviços em Goiás	47
3.2 Distribuição dos serviços e polarização	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICE	71

Introdução

A expansão e diversificação do setor de serviços, com peso crescente na geração de empregos e do produto, são fenômenos marcantes do desenvolvimento econômico ao longo do século XX e do início do século XXI. A tendência que se verifica é de uma migração das atividades e do emprego dos setores agrícola e industrial para o de comércio e prestação de serviços.

Sobretudo a partir dos anos 1970, com a revolução da microeletrônica, o avanço do novo paradigma de produção flexível e o acirramento da competitividade global, o setor de serviços, além de crescer, se diversificou e se tornou importante indutor do processo de crescimento econômico¹.

Ao mesmo tempo em que o setor cresce com uma dinâmica própria, verifica-se uma forte ampliação da interdependência entre a produção de bens (industriais, agrícolas e minerais) e a de serviços. Entretanto, como se trata de um setor fortemente heterogêneo, seus diversos segmentos apresentam distintas dinâmicas de crescimento, peso e formas de interação com a produção de bens e de outros serviços (KON, 2007, p.27).

Os serviços intermediários, como os chamados Serviços Produtivos e Serviços Distributivos, tem sua dinâmica mais diretamente vinculada à expansão e às transformações da estrutura produtiva.

O aumento da concorrência, levando as empresas a buscar competitividade através da especialização e terceirização, estimula fortemente o crescimento dos chamados Serviços Produtivos. Os segmentos mais modernos desse tipo de serviços, como os de tecnologia da informação, telecomunicações, P&D e engenharias se expandem e se tornam especialmente estratégicos com o avanço da produção flexível e da economia do conhecimento. Eles são

¹ Entretanto, a presença de um setor de serviços quantitativamente relevante, não está associada, necessariamente, a etapas avançadas de desenvolvimento. Ela pode refletir tanto uma situação de subdesenvolvimento, com um setor composto de serviços tradicionais e informais, com baixos níveis de produtividade e refúgio para mão de obra de baixa qualificação, como pode estar associada a estágios avançados de desenvolvimento com a forte presença de serviços modernos.

fundamentais para a difusão de inovações e, por outro lado, o uso de novas tecnologias exige o aparecimento de novos serviços e faz de muitos deles insumos fundamentais para os demais setores econômicos, particularmente para a indústria. Como são dependentes de mão de obra bastante qualificada e da interação com outros serviços sofisticados, os serviços produtivos mais modernos apresentam uma forte tendência à aglomeração e atuam como vetor de concentração espacial da indústria, especialmente dos segmentos industriais mais intensivos em tecnologia e inovação.

Os Serviços Distributivos também tem seu crescimento estreitamente vinculado à expansão da atividade produtiva, especialmente da indústria e do agronegócio moderno² que exigem soluções em termos de armazenamento, logística e distribuição cada vez mais amplas e sofisticadas. Por sua natureza, a oferta desse tipo de serviços tende a ser um pouco menos concentrada espacialmente que a dos Serviços Produtivos. As empresas maiores e mais modernas do segmento, entretanto, tendem a se aglomerar fortemente nas grandes regiões metropolitanas e pólos industriais e agroindustriais.

Os serviços finais privados, como os Serviços Pessoais e alguns Serviços Sociais, como a educação e a saúde mercantis, tem sua dinâmica de crescimento e diversificação mais associadas ao processo de urbanização, à dinâmica populacional e às transformações no perfil de renda. Essas três variáveis, entretanto, refletem o ritmo e as características do desenvolvimento econômico e tem forte conexão com o padrão de localização industrial.

A evolução da oferta dos Serviços Sociais Públicos, como administração, defesa, seguridade, saúde e educação públicas relacionam-se com as demandas políticas e sociais, e as escolhas quanto à sua localização guardam certa independência com relação à distribuição da atividade produtiva. A presença concentrada de sua oferta, entretanto, é um importante fator locacional da atividade industrial.

No Brasil o setor de serviços é ainda mais heterogêneo do que nos países desenvolvidos, com a convivência entre setores modernos e atrasados em todos os

² Mais recentemente o crescimento do *e-commerce* passa também a ser um vetor decisivo para o crescimento e modernização dos Serviços Distributivos

tipos de serviços, com uma presença de atraso maior no segmento de Serviços Pessoais. Ele é também mais concentrado em razão das fortes desigualdades regionais que caracterizam o desenvolvimento urbano industrial brasileiro. A rede urbana brasileira é marcada pelo inchaço das grandes metrópoles e por uma limitada presença de cidades médias, situação que se agrava nas regiões menos desenvolvidas do país, o que dificulta um maior espraiamento da oferta de serviços e, com ele, do desenvolvimento industrial. A histórica concentração regional desse último em São Paulo e no Sul-Sudeste, por sua vez, é um importante limitador da descentralização da oferta de serviços no país, em especial dos mais modernos.

Nas últimas décadas tem se observado certo movimento de descentralização industrial no Brasil, tanto entre as macrorregiões, quanto internamente nos estados. O Estado de Goiás se destaca nesse processo. Após passar por uma intensa modernização agropecuária e de crescimento de sua produção mineral nos anos 1970 e 1980, o Estado vive um importante processo de desenvolvimento agroindustrial e industrial desde os anos 1990, que se intensifica a partir do final daquela década.

Entre 1999 e 2008 o Estado cresce a taxas superiores à média nacional, aumentando sua participação no PIB brasileiro de 2,08% para 2,45% no período. Esse processo foi liderado pela expansão industrial. Seu aumento na participação do Valor Agregado (VA) da indústria no Brasil, que passa de 1,78% para 2,40%, foi maior do que a verificada no PIB total (SEPLAN-Go/SEPIN, 2011).

Esse processo de crescimento é acompanhado de um processo de descentralização da atividade industrial da região metropolitana em direção ao interior do estado. Arriel (2010, p. 58-59) mostra que em 1999 a Região Metropolitana de Goiânia (RMG) concentrava 36,41% de todo faturamento da indústria, enquanto o interior do estado ficava com 63,59%. Posteriormente, em 2007, a participação da área metropolitana caiu para 21,95%, enquanto o restante do estado subiu para 78,05%.

O mesmo autor (2010, p.60) mostra que essa descentralização se deu reforçando a forte polarização que caracteriza o desenvolvimento industrial do estado. Considerando os oito municípios que centralizam os seis principais pólos de expansão da indústria goiana (Goiânia e Aparecida de Goiânia; Anápolis; Rio Verde e Jataí; Catalão; Luziânia; Itumbiara), sua participação no faturamento no segmento no estado aumentou de 61,50% em 1999 para 62,88% em 2007.

O setor de serviços também cresce acima da média nacional entre 1999 e 2008 em Goiás, de tal forma que sua participação no VA do setor no país passa de 2,02% para 2,35% no período considerado. O problema que norteou o presente trabalho é o de quais são as transformações e a dinâmica espacial que acompanham esse processo de expansão do setor de serviços em Goiás no período em análise e como ele se relaciona com o fenômeno da polarização e com a dinâmica da expansão industrial que se verifica em Goiás no período. A hipótese levantada é a de que, do ponto de vista do perfil espacial, a descentralização dos serviços produtivos guarda uma estreita relação com a descentralização industrial e sua polarização, mas o grau de centralização das atividades de serviços é provavelmente maior, assim como sua resistência à descentralização.

O objetivo geral do trabalho é, portanto, analisar a expansão e a configuração espacial do setor de serviços em Goiás, verificando os condicionantes locais de suas aglomerações e sua articulação com a dinâmica espacial da estrutura industrial.

A busca desse objetivo envolve: a) Verificar o crescimento do setor de serviços no Estado de Goiás de 1999 a 2008 e mapear espacialmente essa expansão, por porte das empresas; b) analisar as características e expansão do Setor de Serviços espacialmente, no período, decomposta em quatro seguimentos: Serviços Sociais; Serviços Pessoais, Serviços Distributivos e Serviços Produtivos; c) verificar o grau de concentração espacial dos serviços, comparativamente ao observado para a indústria; d) relacionar a expansão/descentralização/diversificação da atividade de serviços com a expansão/descentralização industrial no período no estado; e) verificar a relação entre aglomeração das atividades de serviços e polarização na economia goiana.

A dissertação está organizada em três capítulos. O capítulo 1 apresenta uma revisão dos principais conceitos teóricos e aspectos que servem de referência e estrutura à parte prática do estudo, ou seja, as teorias clássicas, o debate teórico e as transformações recentes ou “modernização” sobre o setor de serviços no estado de Goiás, além de descrever os aspectos metodológicos do trabalho. Já o capítulo 2, evidencia o perfil do setor de serviços em Goiás, bem como o crescimento e transformações do setor no estado. No capítulo 3, trata-se da configuração espacial do setor de serviços e sua dinâmica no período analisado, comparando-se com a estrutura da indústria goiana.

Capítulo 1 Setor de Serviços, Questões Teóricas e Metodológicas

Neste capítulo é feita uma revisão da literatura acerca das teorias sobre o setor de serviços sua localização, crescimento do setor, urbanização e concentração populacional e serviços prestados às empresas. Trata também da apresentação dos aspectos metodológicos para o desenvolvimento do trabalho.

1.1 Debate Teórico Sobre o Setor de Serviços

Historicamente por sua difícil conceituação e conseqüentemente, de complicado entendimento, os serviços sempre foram tratados como um setor improdutivo ou residual, complementar à indústria e agropecuária. Com a revolução industrial e com o impacto de suas transformações, estudos foram direcionados principalmente ao segundo setor. No século XX, com aumento de sua participação na economia e das crescentes oportunidades de trabalho, o setor de serviços ganhou mais atenção e estudos sobre o assunto foram ampliados.

Mesmo ao ganhar destaque, o conceito, classificação e caracterização de serviços eram insuficientes, com isso a teoria econômica encontrava dificuldades para mostrar-se capaz de precisar os serviços de forma satisfatória frente à crescente diversidade de atividades marcadas pela heterogeneidade e a velocidade das distintas transformações ocorridas nos segmentos desse macro-setor (SILVA, 2009, p.11).

Nas primeiras referências teóricas sobre o setor de serviços ele aparece na definição do que seria trabalho produtivo e improdutivo. Inicia-se no século XVII com os *fisiocratas* que ressaltam a importância da Agricultura, se contrapondo aos *mercantilistas*, que davam mais importância ao Comércio e à Indústria capitalista nascente. O debate ganha corpo teórico em fins do século XVIII com os *clássicos* e se estende ao final do século XIX, período em que se desenvolveram os mais importantes tratados teóricos em economia (SILVA, 2009).

SILVA (2009) afirma que embora os *clássicos* talvez não tenham alcançado a dimensão econômica do Terciário como é abordada em estudos recentes, indiretamente contribuíram com elementos para as discussões teóricas

posteriores sobre sua conceituação e classificação setorial, como também sobre sua importância no desenvolvimento econômico.

Smith em *A Riqueza das Nações* de 1776, mesmo reconhecendo a importância indireta de determinados serviços, por ser intangível, o resultado do trabalho era considerado por ele como improdutivo. Malthus, em *Princípios de Economia Política e considerações sobre sua aplicação prática* de 1820, reconhece que os serviços podem agregar valor aos bens produzidos por outras atividades, promovendo, assim um avanço na concepção da importância econômica dos serviços que passam a ter um *status* diferente. Para esse autor há trabalho produtivo e improdutivo em diferentes graus, considerando produtivo todo trabalho que produz riqueza: valor do produto final maior que o valor demandado para sua própria produção. David Ricardo em *Princípios de Economia Política e Tributação* de 1817 irá acrescentar uma contribuição para um maior reconhecimento da importância dos serviços. Ainda que implicitamente, ele mostra que as atividades que transacionam os produtos no mercado não podem ser desassociadas das atividades ditas até então produtivas, ou seja, a produção de mercadorias. Inclusive, tais atividades acrescentam valor às mercadorias de modo a integrar seu valor total, o qual pode ser trocado por outros produtos ou por trabalho em montante de mesmo valor. Portanto, baseado em seu entendimento, o comércio e o transporte, por exemplo, também seriam trabalhos produtivos. De fato, essa concepção está alinhada com o princípio econômico de que a mercadoria só pode ser considerada riqueza quando transacionada (SILVA, 2009 p. 14-15).

Ricardo chama a atenção para o papel não só do comércio, mas também dos transportes como atividades facilitadoras da circulação e do consumo de bens, contribuindo para a elevação do produto total, direta ou indiretamente (ALONSO, 2005 p. 5).

Desta forma, Ricardo procurou evidenciar as atividades, de comércio e transporte, como primordiais para o desempenho do sistema econômico e também pela composição dos preços, nos quais são, os principais responsáveis pelo aumento do valor das mercadorias.

Na visão de Marx, a tangibilidade da ação da força de trabalho em movimento no circuito produtivo não é prerrogativa para que o trabalho aplicado seja considerado produtivo, ou seja, um trabalho que agrega valor. Do ponto de vista produtivo, o importante é que se estabeleça uma relação capitalista de produção.

Esta proposição é válida tanto para a produção de bens quanto a de serviços. Neste sentido, Marx avança significativamente em relação a Smith e aos demais autores clássicos, porque todos os serviços cujo processo produtivo se dê em bases capitalistas de produção são considerados produtivos, independentemente do resultado deste processo ser tangível ou intangível (MEIRELLES, 2006 p. 121).

Desta forma Marx concebe o caráter produtivo do trabalho e da atividade baseando-se em outro parâmetro que não o resultado material. Para ele o caráter produtivo do trabalho não depende do conteúdo material e tangível da mercadoria e sim de estar inserido numa lógica capitalista de produção voltada para o lucro, a rigor, a *mais-valia*. Assim em Marx, para o trabalho utilizado no processo produtivo ser concebido como produtivo e agregar valor é imprescindível que se estabeleça uma relação capitalista de produção, independente do setor de atividade. Visto que o lócus onde Marx enxergava a valorização do capital e a geração da mais-valia por excelência é o setor industrial e a produção propriamente dita da mercadoria, mesmo ele não consegue se desvencilhar totalmente da materialidade, pois para ele quase sempre o serviço produtivo aparece como aquele que contribui para valorização da mercadoria, ou seja, seu foco é o capital produtivo. Em várias passagens de sua obra é possível concluir que todos os outros serviços, mesmo alguns necessários à fabricação da mercadoria, não são considerados produtivos ou, pelo menos 'plenamente produtivos'. Pois, na sua visão, os serviços consomem *mais-valia*, seja no custo (como financeiro e comercial), seja na satisfação de necessidades outras não diretamente envolvidas com a produção (como administração pública, educação e saúde). A exceção seria o serviço de transporte na fase de produção (insumos), considerado por Marx como agregador de valor à mercadoria de modo a não diminuir a *mais-valia*. Marx, em algumas passagens reconhece que serviços não manufatureiros prestados em empresas mercantis, cujo objetivo é o lucro, geram mais valia (SILVA, 2009).

Ao conceber o valor do ponto de vista da satisfação das necessidades humanas, ou seja, a partir do valor de uso, os utilitaristas inevitavelmente acabam incluindo os serviços como componentes fundamentais do sistema econômico, pois, assim como os bens materiais, os serviços respondem por uma parte significativa das necessidades humanas (MEIRELLES, 2006 p. 123).

Os utilitaristas que mais contribuíram com debate sobre o setor de serviços foram Jean-Baptiste Say (1767-1832), e John Stuart Mill (1806-1873).

Na visão de Say, no *Tratado de Economia política de 1803*, centrado no princípio da utilidade, os processos produtivos não são geradores de objetos, de matéria concreta, mas sim de utilidade. A criação de utilidade é o grande motor da economia, o fato gerador de riqueza. Independentemente das características formais do processo produtivo ou do produto, se mais ou menos tangível, todas as atividades que produzem utilidade são consideradas produtivas. Nesta perspectiva analítica todos os serviços, de natureza essencialmente intangível, são considerados produtivos, porque são geradores de “utilidade” e, portanto, de riqueza (MEIRELLES, 2006 p. 123).

Mill, J. S. em *Princípios de Economia Política de 1848*, divide a utilidade em três tipos: de um lado aquelas que o trabalho acrescenta, direta ou indiretamente, aos objetos e às pessoas de forma duradoura/permanente, que chama de ‘utilidades fixas’; do lado oposto, a utilidade momentânea/temporária ‘não fixa’, quando seu consumo é simultâneo ou logo em seguida ao trabalho que a produz (desaparece depois de usufruída). Mill cita, explicitamente, determinados serviços (inventores, sábios e escritores, incluindo suas contribuições práticas e teóricas) que, em termos atuais, pode-se agrupar como ‘pesquisa e desenvolvimento (P&D)’ ou ‘produção de caráter acadêmico’. Também considera improdutivo o trabalho que gera objetos materiais, mas não aumenta a riqueza (SILVA, 2009).

Com o avanço da tecnologia e dos serviços, com sua considerável participação na economia, foi se reconhecendo sua representatividade e esse passou a ser visto e voltou a ser estudado como setor econômico, da mesma forma que a agricultura e a indústria. Como reforça Silva, 2009:

Os motivos apontados pela teoria não só procuram explicar o crescimento mais que relativo do Terciário, mas também o crescimento absoluto desse macro-setor e de suas respectivas atividades, independente de assumir a dinâmica econômica entre os três macro-setores da economia (SILVA, 2009 p.26).

Os Serviços se caracterizariam pela circunstância de serem intangíveis, intransferíveis, não-estocáveis e apresentarem contato direto entre produtores e consumidores. Também “Serviços” equivale à antiga nomenclatura “Terciário”, Fisher (1933) foi quem propôs uma classificação das atividades econômicas primárias (agropecuária), secundárias (indústria) e terciárias (comércio, transporte e serviços).

Clark Em 1957 publicou a terceira edição de sua obra, originalmente de 1940, *The conditions of economic progress*, onde introduziu a expressão “Serviços”, porque a considerava muito mais adequada para expressar a grande variedade de atividades aí incluídas. Com a contribuição de Fuchs, de fins da década de 1960, denominaram os setores em agricultura, indústria e serviços. Sendo que atualmente as Contas Nacionais e a literatura econômica privilegiam a notação “Serviços” para designar este último conjunto de atividades econômicas.

Quanto ao fato de metodologias apresentarem dificuldades de aplicação, com isso, havendo casos de incompatibilidade com as bases estatísticas que medem o produto interno bruto no Brasil, nem sempre as bases de dados disponíveis nos permitem realizar estudos utilizando as classificações que a teoria nos oferece em relação aos serviços (SILVA, 2009).

Por fim, não há unanimidade na literatura econômica sobre uma classificação para os serviços, com isso, distintos critérios podem ser relevantes como: intensidade de capital, destino final ou intermediário da produção, grau de qualificação dos trabalhadores e muitos outros.

1.2 Urbanização e Concentração Populacional

Ao analisar o comportamento da distribuição espacial da população brasileira, desde os anos 1930 até meados dos anos 1970, salta aos olhos o aumento da concentração da população urbana. Transcorridas cinco décadas, o Brasil passou de uma composição populacional rural para uma composição eminentemente urbana. Tal fato se processou por meio de maciços fluxos migratórios provenientes do campo em direção às grandes cidades. Durante mais de cinquenta anos esses movimentos populacionais estiveram no cerne de dois dos grandes processos de transformação da sociedade brasileira: a urbanização e a industrialização (DINIZ et al., 2008, p. 36 e 37).

Segundo Martine (1994), há uma comprovação, da concentração maciça da população brasileira, em cidades cada vez maiores. Para entender as origens e a configuração desse processo, é preciso relacionar os padrões de redistribuição espacial da população com as modificações na alocação espacial de atividades econômicas. Trata-se de um período marcado por profundas transformações na

estrutura econômica, social, política e demográfica do país. O eixo central da história econômica deste período pode ser caracterizado como o progressivo fortalecimento do modelo de industrialização via substituição de importações.

Como as migrações se dirigem, preferencialmente, para as regiões de maior dinamismo econômico, era inevitável que a aglomeração progressiva das atividades produtivas redundasse numa tendência concomitante para um maior adensamento da população na região Sudeste, alimentado por fluxos migratórios. Embora a migração que aporta nas cidades brasileiras não seja tipicamente constituída por pessoas que vieram diretamente da área rural, não há dúvidas de que o êxodo rural foi um alimentador fundamental da concentração urbana (MARTINE, 1994 p. 23).

Desta forma, a rede urbana do país, compreende o conjunto de centros urbanos que polarizam o território nacional e os fluxos de pessoas, bens e serviços que se estabelecem entre eles e com as respectivas áreas rurais. É formada por centros urbanos de dimensões variadas, que estabelecem relações dinâmicas entre si de diferentes magnitudes. São essas interações que respondem não apenas pela atual conformação espacial da rede, mas também por sua evolução futura, cuja compreensão é fundamental para o estabelecimento de metas de políticas públicas (MOTTA & AJARA 2001, p. 10).

As estruturas urbanas se diferenciam segundo três características espaciais básicas: o ritmo da urbanização, o nível de adensamento da rede de cidades e o grau de complementaridade entre os centros urbanos que as compõem. Outro aspecto fundamental que apóia a diferenciação dessas estruturas urbanas são os níveis de desenvolvimento humano atingidos pelos habitantes dos centros urbanos que as integram, expressos nos indicadores de renda, alfabetização e acesso aos serviços urbanos básicos (MOTTA & AJARA 2001, p. 10).

Quanto às variações do nível de renda da população, de remuneração da mão-de-obra, de dinâmica econômica, de políticas locais e regionais, e de dotação de infra-estrutura são aspectos que tornam os locais mais ou menos atrativos e vantajosos, o que coincide com a maior diversidade de oferta de atividades de comércio e serviços (REGIC, 2007 P.143).

De acordo com Henderson (1974 apud Lemos *et al.*, 2003, p 668), a explicação para diferentes tamanhos de cidades em um sistema urbano deve-se ao papel de cada uma delas na produção de bens e serviços. À medida que as

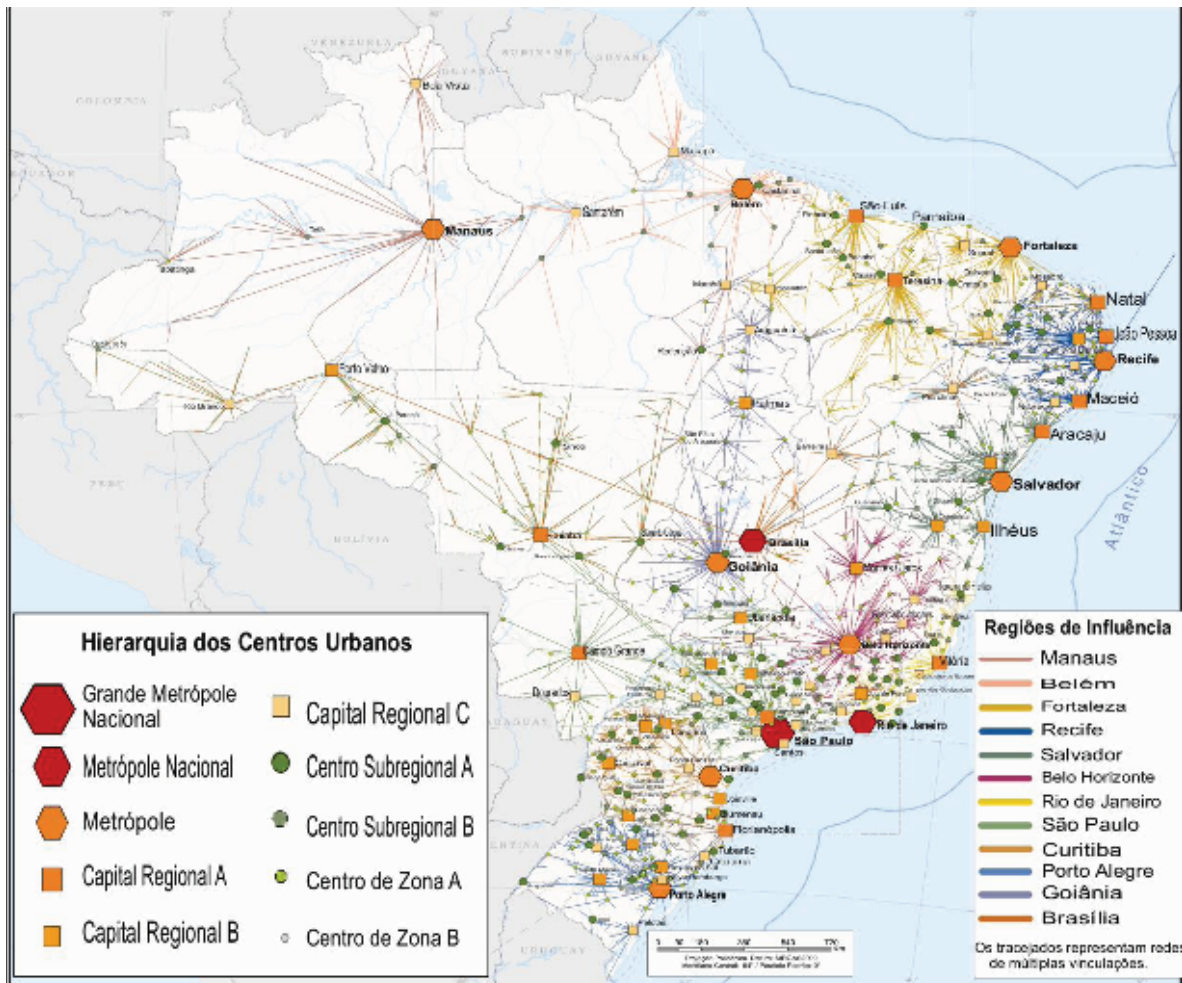
economias externas de escala são específicas de atividades particulares, cada cidade tende a se especializar em poucas atividades, que requerem, por sua vez, escalas mínimas de tamanho urbano, eficientes e diferenciadas. Assim, uma cidade têxtil não precisa ter uma dimensão além da necessária para abarcar um aglomerado de plantas de fiação e tecelagem, enquanto uma cidade com função de centro financeiro deve ser grande o suficiente para absorver o conjunto das operações bancárias de um país.

Segundo Couto *et al.*, (2008) a grande parcela da população e da atividade econômica do país ainda se concentra no litoral. Mais ao sul, observa-se um prolongamento desse perfil de desenvolvimento rumo ao interior, englobando todo o estado de São Paulo e a Região Sul do país. Na zona central da configuração atual do território nacional, prevalece uma vasta área cuja ocupação foi-se intensificando nos últimos anos. Ela foi impulsionada pelo avanço da agroindústria capitalista e pelo mais importante movimento concreto da política de desenvolvimento regional brasileira, que foi a instalação da nova capital do país, Brasília, com sua conexão com a vizinha Goiânia e seus eixos de acesso ao Centro-Sul, em direção ao Triângulo Mineiro e São Paulo e a Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

No mapa 1 podemos visualizar a concentração populacional conforme contagem feita pelo IBGE em 2007, na hierarquia dos centros urbanos³, os quais as cidades foram classificadas em cinco grandes níveis, por sua vez subdivididos em dois ou três subníveis (1. Metrópoles, 2. Capital regional, 3. Centro sub-regional, 4. Centro de zona e 5. Centro local)

³ Para maiores detalhes veja: Regiões de Influência das Cidades – REGIC (2007) – Site: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/regic.shtm> - Acesso em 08/09/2010.

Figura 1: Rede urbana - Brasil - 2007



FONTE: IBGE – Regiões de Influência das Cidades (REGIC) – 2007 – Adaptação própria

As áreas densamente ocupadas tendem a apresentar maior diversidade de oferta de serviços, uma vez que, quanto maior o número de população, tanto maior a demanda de serviços de transporte, comunicação, atividades imobiliárias, educação, saúde e serviços sociais, limpeza urbana, atividades recreativas, culturais e desportivas, serviços pessoais, serviços domésticos, entre outros (REGIC, 2007 P.143).

Desta forma através do aumento de participação do setor de serviços na economia e devido as crescentes oportunidades de trabalho, ESTEVAM (2005) destaca que, com o surgimento do setor de serviços urbanos, comércio e novas oportunidades de ocupação, o problema da subsistência na cidade foi amenizado, e por isso o setor de serviços ganhou mais atenção, e estudos sobre o assunto foram ampliados.

Também nessa linha Silva (2009), afirma que a concentração da população em áreas urbanas exigiu, por exemplo, um crescimento do terciário em serviços coletivos de saúde, de infra-estrutura, de recreação, de educação, da administração pública, etc.; além dos serviços produtivos e distributivos, notadamente os reconhecidos como essenciais à realização da produção: comércio, finanças, transportes, comunicação, e serviços técnicos prestados especialmente às empresas.

A estrutura urbana do Centro-Norte compreende os sistemas urbano-regionais de Brasília-Goiânia, de Cuiabá e do Norte, o qual se observa que o processo de urbanização está se acelerando nas últimas décadas e a cidade desempenha um papel fundamental na abertura de novas áreas à exploração econômica (MOTTA & AJARA 2001, p. 20).

Conforme Motta & Ajara (2001) a Influência das cidades de Goiânia e Brasília configura uma forma espacial distinta. Nelas está presente uma metrópole regional, no caso de Goiânia, relativamente próxima a uma metrópole nacional, Brasília, levando em consideração o seu entorno, cujo nível de polarização pode ser considerado médio.

O complexo territorial Brasília-Goiânia constitui uma nova forma espacial, que apresenta um deslocamento do centro de gravidade populacional do sistema (Brasília e seu entorno) do seu principal núcleo de polarização (Goiânia). Essa forma espacial, grosso modo, potencializa o dinamismo espacial do sistema, embora apresente problemas bastante complexos de gestão urbana (MOTTA & AJARA 2001, p. 20).

Na medida em que o espaço econômico tende a se organizar no entorno de vários lugares centrais, com suas áreas de mercado, está aberta a possibilidade de reprodução de regiões e desenvolvimento de economias regionais, com níveis diferenciados de integração econômica. Configura-se, assim, uma hierarquia nodal urbana, formada pelo centro de maior tamanho, que exerce a função de suprir serviços especializados a centros menores em seu entorno, especialmente os serviços ofertados para o setor produtivo regional, que exigem uma escala urbana mínima relativamente elevada (LEMOS et al., 2003. p. 668).

1.3 Fatores de Localização do Setor de Serviços em Goiás

Com o intuito de apresentar alguns dos fatores que contribuem com a localização regional, aglomerados ou dispersos, de empreendimentos de serviços em Goiás, verificamos que as localizações das indústrias e seus determinantes, podem interferir tanto na localização de empresas de serviços, quanto às empresas do setor de serviços de determinarem a localização das indústrias.

Os serviços possuem conexão importante com a atividade industrial, uma vez que fortalecem e prolongam o impacto dos setores mais dinâmicos, ao mesmo tempo em que também facilitam a transição para novos setores líderes. A recente tendência de aglomeração dos serviços pode influenciar o padrão de localização da indústria, pois serviços especializados representam uma oferta de conhecimento importante para processos produtivos em constante transformação (inovação industrial), principalmente nos requisitos de qualificação gerencial ou organizacional (KON, 2004).

A concentração urbana gera um importante fator de localização industrial, pois um grande volume de população atrai atividades produtivas que também favorecem a concentração dessas atividades, o qual Myrdal (1968) chamou de *causação circular e acumulativa*. Observou que o círculo vicioso pode ser um processo circular e acumulativo ascendente ou descendente, que, quando não controlado, pode causar desigualdades crescentes. A respeito da *causação circular e acumulativa ascendente*, pode ser constatada com instalação de uma fábrica em uma localidade, provocando impacto sobre o emprego e a produção. A elevação na renda local levaria à instalação de infraestruturas e à melhoria dos demais serviços prestados, criando um cenário atrativo às atividades econômicas. Enquanto a *causação circular e acumulativa descendente* seria constatada com o encerramento das atividades de uma grande empresa na localidade, causando um impacto negativo no emprego, na renda da localidade (ARRIEL, 2010. p. 25).

As relações entre inovação, estrutura regional e localização dos serviços são também investigadas sob o ponto de vista da firma. O papel dos serviços no processo de desenvolvimento regional está ligado às características de localização e de aglomeração dessa atividade. Autores atribuem importância central ao setor de serviços para a definição de pólos dinâmicos do país e de suas respectivas áreas de influência (DOMINGUES et al., 2006, pág. 195).

Segundo Lemos et al., (2005) há determinantes locacionais para cada tipo de firma. Fatores como aglomerações industriais já existentes, custos de transporte, infra-estrutura urbana, qualificação da mão de obra, fatores que potencializam ganhos de escala, dentre outros, possuem relevâncias diferentes para cada grupo de firmas.

Segundo Koschatzky (1998 apud DOMINGUES et al., 2006, p 197), ao analisar o comportamento da indústria e dos serviços na Alemanha o que diz respeito à inovação, e ao acesso a fontes externas às empresas, é mais importante para o setor de serviços, esta atividade, do que para as firmas industriais. A indicação é que o comportamento em rede das empresas de serviços é diferenciado de acordo com a localização: empresas, em áreas centrais possuem maior probabilidade de interações inter-regionais, enquanto para firmas nas áreas rurais predomina o contato intra-regional ou local.

1.4 Aspectos Metodológicos

Para o desenvolvimento do trabalho serão utilizados dados do Produto Interno Bruto (PIB), especialmente os Valores Adicionados do setor de serviços da indústria, além dos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego, considerando, especialmente, o período 1999 e 2008.

Optou-se pela classificação do setor de serviços proposta por Browning & Singelman e internacionalmente aceita. Os autores distinguem o setor de serviços em quatro grupos orientados de acordo com a demanda por estes serviços. Os grupos são: serviços produtivos, demandados por empresas no decorrer de seu processo produtivo; serviços distributivos, demandados, também, por empresas, porém posteriormente ao processo produtivo; serviços sociais, ligados à demanda final, porém voltada a demandas coletivas; e serviços pessoais, de demanda final e individual. Os setores de serviços produtivos e distributivos aparecem como insumos intermediários ao processo produtivo, encadeados ora à montante, no caso dos serviços produtivos, ora à jusante, no caso de serviços distributivos.

No caso dos Valores Adicionados do setor de serviços no PIB foi necessário enfrentar dois problemas. O primeiro é que o nível de desagregação das

informações para setor de serviços mudou a partir de 2002, quando o IBGE passou a utilizar o recorte por seção da CNAE 1.0. Como na desagregação anterior a esse período, não é possível identificar os “serviços prestados principalmente às empresas”, variável importante para a análise que se propõe, optou-se, para a análise da evolução do VA de serviços no estado, em utilizar apenas o período de 1999 a 2008.

Para essa análise utilizou-se a subdivisão setorial do Valor Adicionado das Contas regionais realizada por Silva (2009), com base na classificação geral de Browning & Singelman, descrita em seguida:

1 Serviços Distributivos

Comércio e Reparação de Veículos, Objetos Pessoais e Domésticos
Transportes e Armazenagem

2 Serviços produtivos (complementares)

Atividades Imobiliárias, Aluguéis e Serviços prestados às empresas
Comunicações
Intermediação financeira

3 Serviços Sociais (coletivos)

Administração Pública, Defesa e Seguridade Social
Saúde e Educação Mercantis

4 Serviços Pessoais

Alojamento e Alimentação
Outros Serviços Coletivos, Sociais e Pessoais
Serviços domésticos

O segundo problema é que as informações do VA nas Contas Regionais são desagregadas apenas em nível estadual. Para os municípios o VA do setor de serviços só se encontra disponível de forma agregada, permitindo discriminar, apenas, as atividades da administração pública. Nesse acaso, optou-se por trabalhar com dados do VA total dos municípios no período 1999 a 2008, considerando-se o

VA de serviços sem a participação das atividades de administração pública em algumas análises específicas.

Para análise mais desagregada utilizou-se os dados da RAIS, considerando-se número de empresas, de empregos, renda total e renda média. A base de dados da RAIS é originária dos registros administrativos do Ministério do Trabalho utilizados para acompanhar a arrecadação de contribuições e a distribuição de benefícios previstos na legislação trabalhista. Instituída em 1975, a RAIS representa, praticamente, um censo anual do mercado formal brasileiro, na medida em que todas as organizações legais (privadas e públicas) são obrigadas a declará-la. O tratamento aplicado aos dados dos estabelecimentos e aos vínculos empregatícios permite sua desagregação no âmbito do município, de subatividades econômicas e de ocupações. Tais informações são disponibilizadas segundo o estoque (número de empregos) e a movimentação de mão-de-obra empregada (admissões e desligamentos), por gênero, faixa etária, grau de instrução, rendimento médio e faixas de rendimentos em salários mínimos, sendo possível, também, construir dados sobre a massa salarial (NEGRI et al., 2001, p.06).

Não obstante algumas discrepâncias com outras bases de informação, a RAIS mostrou ser fonte confiável de análise do mercado formal de trabalho no Brasil, principalmente por sua natureza censitária, amplitude de informação, cobertura geográfica e dimensão temporal. Ademais, a RAIS permite análises longitudinais, o que viabiliza a investigação avançada de vários problemas relativos ao mercado de trabalho e à distribuição de renda com importantes impactos de política pública (NEGRI et al., 2001, p.19).

Silva (2009), em seu trabalho sobre setor de serviços, apontou algumas vantagens na utilização da PNAD em relação à RAIS para se analisar o setor. Esse autor argumenta que diferentemente da RAIS, assim como do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), os dados da PNAD abrangem todo o tipo de ocupações, independentemente da forma de inserção no mercado de trabalho não diferenciando empregos com carteira assinada (CLT), funcionários estatutários, sócios, pessoas jurídicas, microempreendedores, etc. O Caged capta somente ocupações sob o regime da CLT e a RAIS, além das ocupações do Caged, capta os ocupados do setor público sob regime estatutário e prestadores de serviços por meio de sindicatos, mas não capta trabalhadores informais. Entretanto, os dados

da PNAD não são desagregados em nível municipal, razão pela qual foram descartados para uso nesse trabalho.

A partir de 1998 o IBGE passou a realizar também a Pesquisa Anual de Serviços, a PAS. Sua utilização nesse trabalho, entretanto, foi descartada tendo em vista que a pesquisa possui várias limitações em termos de agregação espacial e setorial, que dificultam sua utilização para as análises pretendidas. Em primeiro lugar, do ponto de vista espacial, os dados não são desagregados em nível municipal. Em segundo lugar, no que se refere ao recorte setorial, a PAS não abrange dados da “Administração pública, Defesa e Seguridade social”, setor com elevado peso no VA e no emprego, da “Intermediação Financeira” e da “Saúde e Educação mercantis”. Ela não contempla, igualmente, os dados do conjunto do Comércio. O IBGE realiza, também, a Pesquisa Anual do Comércio (PAC), mas não informa se os dados da PAS e os da PAC são compatíveis.

1.5 Os municípios Polos e a Distribuição Regional dos Serviços

Ao identificar as aglomerações em destaque do setor de serviços elas serão confrontadas com os pólos regionais identificados da indústria em Goiás. Para atingir este objetivo, será calculado o Índice de Terciarização – It, proposto por Lemos et al (2003). O It indica a capacidade de carregamento do conjunto das atividades econômicas de uma região pelos serviços ofertados especificamente por uma dada localidade, o pólo.

Na terminologia de Christaller (1966) [1933], trata-se de “bens centrais”, produzidos apenas no “lugar central de ordem superior”, ou seja, não produzidos nas localidades de “ordem inferior”. A idéia de “capacidade de carregamento” deste lugar central seria medido por sua capacidade de ofertar serviços necessários para atender à demanda do conjunto das atividades produtivas de toda a região. Assim, um pólo com maior capacidade de oferta de serviços possui maior capacidade de “carregamento” ou sustentação da produção regional de bens, quer sejam bens agrícolas, minerais ou industriais. Por outro lado, o It é um índice da capacidade de transbordamento da oferta desses serviços para outras localidades, que são atraídas por esse “lugar central de ordem superior” para o consumo de seus serviços. A “capacidade de transbordamento” mede a capacidade da oferta de

serviços de atrair demanda no espaço, enquanto a “capacidade de carregamento” mede a capacidade da oferta de sustentar a demanda regional. (LEMOS *et al.*, 2003. p 671).

No intuito de adequar o modelo de trabalho, será substituída a massa de rendimentos dos setores agropecuário, industrial e de serviços, com dados censitários, utilizado no trabalho do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional de Minas Gerais, da Universidade Federal de Minas Gerais (CEDEPLAR/UFMG), pelo Valor Adicionado – VA dos mesmos setores, de acordo com os dados do Produto Interno Bruto (PIB) municipal de 2008, conforme a seguinte fórmula:

$$It = \frac{VA_{serv}}{VA_{ind} + VA_{agropec}}$$

Onde:

It = Índice de terciarização;

VA_{serv} = Valor Adicionado do setor de serviços;

VA_{ind} = Valor Adicionado do setor da indústria;

VA_{agropec} = Valor Adicionado do setor da agropecuária.

A aplicação direta dessa fórmula pode gerar um problema. Municípios com economias inexpressivas podem apresentar elevado índice de terciarização, pois são altamente dependentes de transferências governamentais, de Fundo de Participação dos Municípios (FPM) e, portanto, com elevado peso da administração pública na economia sem que haja transbordamento para outras localidades. Esta situação é agravada pelo fato de muitos destes municípios possuírem um baixo valor adicionado na indústria e uma agricultura pouco desenvolvida, o que elevaria artificialmente o It. Uma fórmula adotada para contornar este problema foi adotar o conceito de Valor Adicionado Total Convertido, que considera o volume total das atividades produtivas, evitando, assim, a supervalorização de localidades pouco representativas (LEMOS *et al.*, 2003). Para tal, usa-se um conversor logarítmico de

escala que atribui o valor 0,95 ao referencial de maior massa de valor adicionado (ARRIEL, 2010. p 31).

Com o intuito de obter resultados mais próximo da realidade, calcula-se o *it* ajustado o qual se utiliza a seguinte fórmula:

$$It^* = It \times VTc$$

Onde:

$$VTc = 1 - e^{-\left(\frac{\ln(0,05)}{VTref} \times VTi\right)}$$

*It** - índice de terciarização ajustado

It- índice de terciarização

VTc – valor adicionado total convertido

Vti- valor adicional total do município *i*

VTref – valor total adicionado do município de referência

A base de dados utilizada neste método será a do PIB dos municípios goianos, calculado por meio de uma metodologia unificada, construída pelos Órgãos Estaduais de Pesquisa e Estatística e Secretarias Estaduais de Planejamento, sob a orientação do IBGE.

Em seguida, com o cálculo do *It*, será utilizado o *software* GVSig para a espacialização dos polos e subpolos regionais de Goiás. Desta forma haverá a possibilidade de análise da distribuição regional do setor de serviços e a comparação com a distribuição espacial da indústria e sua relação com o processo de polarização em Goiás.

O nível de terciarização de uma localidade é o melhor indicador de sua capacidade de polarização. A concentração dos serviços é que diferenciará internamente a base exportadora regional, em função dos requerimentos elevados de escala de aglomeração urbana. Ao adquirir determinado porte, o lugar de maior densidade urbana tende a se transformar em um centro de consumo coletivo intra-regional, que tende a atrair um fluxo de pessoas em busca de atividades especializadas, cuja concentração decorre da necessidade de economia de escala. Desta forma o grau de polarização de uma localidade está relacionado diretamente

com a dinâmica do seu setor terciário, traduzida pelo nível de oferta e demanda de bens e de serviços especializados, ou seja, quanto maiores às relações de troca de mercadorias e serviços de uma localidade, maior a extensão de sua área de influência (DINIZ et al., 2008, p. 35).

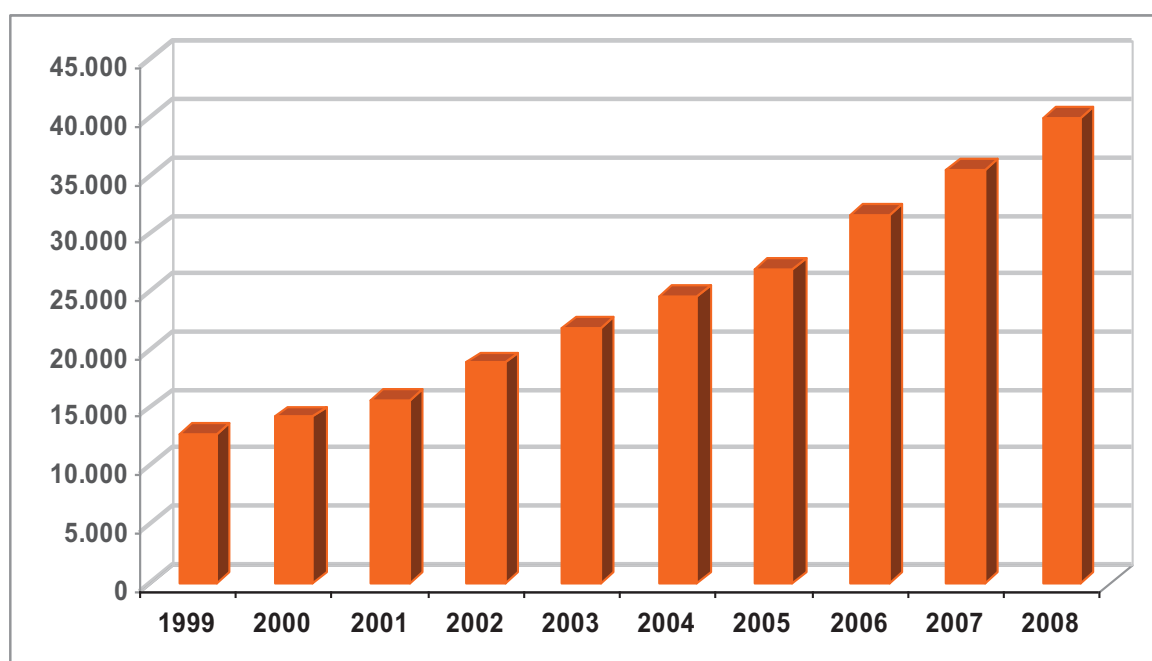
Capítulo 2 Crescimento e Transformações do Setor em Goiás

No segundo capítulo, realiza-se uma descrição e análise da expansão do setor de serviços entre 1999 e 2008 em Goiás, verificando-se o comportamento dos seus diversos segmentos e relacionando-o com as características da estrutura industrial do estado.

2.1 Crescimento do Valor Adicionado Setor de Serviços em Goiás

O setor de serviços em Goiás apresenta um crescimento importante entre 1999 e 2008. O VA do setor no PIB passou de 12,8 bilhões em 1999 para 40,1 bilhões em 2008, um crescimento acumulado de 212,7% no período. Esse crescimento é superior ao do país, o que resultou em aumento da participação do estado no VA nacional de serviços, passando de 2,02% para 2,35% no período (SEPLAN-Go/SEPIN, 2010).

Figura 2: Valor Adicionado do Setor de Serviços no PIB de Goiás 1999- 2008 (R\$ milhões)



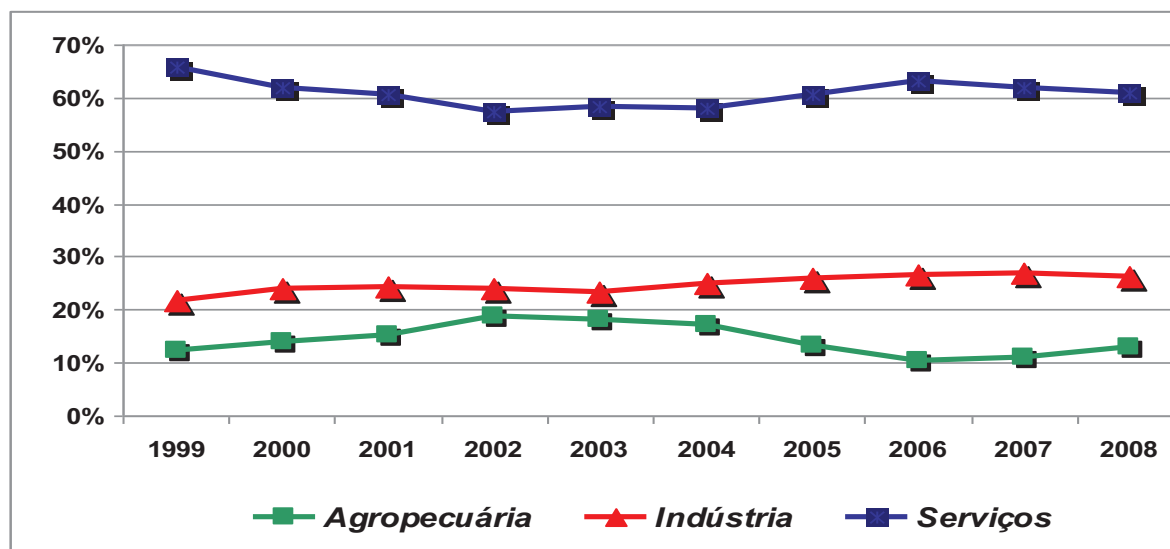
Fonte: Seplan-GO/Sepin/Gerência de Contas Regionais – 2011. Elaboração Própria

Dunning apud Domingues (2006) explica a tendência de crescimento do setor de serviços e sua relação com a expansão industrial destacando seis tendências: crescimento da demanda por serviços de consumo seguindo o crescimento da renda per capita; crescimento da importância dos insumos de serviços na produção de bens e serviços; relevância das atividades de propaganda, marketing e distribuição dos produtos das empresas; demandas especializadas e sofisticadas por produtos financeiros, seguros, legais e de entretenimento; habilidade crescente das firmas de serviços na criação de novos produtos e de novos mercados, especialmente nas atividades de serviços financeiros; tendência à terceirização das atividades de serviços das firmas industriais e de serviços.

Esses fatores, inicialmente explicam o crescimento do setor em Goiás. O PIB per capita do estado passa de R\$ 5.180,49 para R\$ 12.878,52 entre 1999 e 2008, um aumento de 148,6%, o que provavelmente teve impactos sobre a procura por serviços pessoais e sociais. O crescimento da indústria foi o principal componente de expansão do PIB goiano nesse período, com sua participação no valor adicionado saltando de 21,9% para 26,2% (SEPLAN/SEPIN, 2010). Além de crescer, a indústria nesse período passou por certa diversificação, com a expansão de segmentos como o farmacêutico e o automobilístico, e por uma importante modernização de sua agroindústria, o que ampliou sua demanda por serviços produtivos e distributivos, em razão das razões mencionadas acima.

Apesar de seu crescimento, o setor de serviços perdeu participação relativa no PIB estadual nesse período, em função do crescimento mais acelerado da indústria. Como pode ser observado no Gráfico 2, a representação do setor de serviços caiu de 65,7% em 1999 para 60,1% em 2008, enquanto a da indústria saiu de 21,9% para 26,2% no mesmo período. A agropecuária também apresenta um ligeiro aumento em sua participação, passando de 12,5% em 1999 para 12,8% em 2008.

Figura 3: Estrutura do Valor Adicionado, por grandes atividades, no PIB de Goiás 1999-2008 (%)



Fonte: Seplan-GO/Sepin/Gerência de Contas Regionais – 2011. Elaboração Própria

A economia goiana acompanhou, nesse aspecto, o movimento verificado na economia brasileira no mesmo período, onde a participação da indústria do PIB do país passa de 25,9% em 1999 para 27,9% em 2008, enquanto a participação do setor de serviços cai de 68,6% para 66,2% entre os anos mencionados (SIDRA/IBGE, 2010). Deve-se ressaltar que a ampliação da participação relativa da indústria foi mais importante no PIB goiano do que no brasileiro, no período, em decorrência dos desdobramentos do processo de modernização agropecuária e mineral das décadas anteriores, além da política estadual de incentivos fiscais ao desenvolvimento industrial.

Para se visualizar mais claramente a relação entre o crescimento dos serviços e a expansão industrial é necessário considerar as diferenças entre os diversos tipos de serviços e seus segmentos, verificando a contribuição de cada um deles para o crescimento do setor. Os dados desagregados do Valor Adicionado do PIB que permitem uma análise da evolução da participação por tipo de serviços e seus principais segmentos só estão disponíveis para o período 2002 a 2008.

Como pode ser observado na tabela 1 no que se refere à composição do VA do setor de serviços em Goiás, em 2008, os serviços distributivos tem a maior representação, com 33,8%, seguido pelos serviços produtivos com 30,1%. Em conjunto, esses dois tipos de serviços, cujo comportamento vincula-se mais diretamente à dinâmica do desenvolvimento industrial respondem por 63,9% do VA

do setor. Os serviços sociais representam 26,2% e os serviços pessoais e sociais 10%, com a menor participação relativa no total.

Tabela 1: Participação percentual de cada tipo de serviço e seus segmentos no VA de serviços do Estado 2002-2008

Serviços	2002	2008	2008 (2002=100)
<i>Distributivos</i>	29,7	33,8	113,5
Comércio e serviços de manutenção e reparação de veículos	22,0	26,8	122,0
Transportes e armazenagem	7,8	7,0	89,5
<i>Produtivos</i>	33,8	30,1	89,1
Serviços de informação	5,5	4,5	82,2
Intermediação financeira, seguros e previdência complementar	7,5	6,8	90,4
Serviços prestados principalmente às empresas	4,0	5,1	128,3
Atividades imobiliárias e aluguel	16,7	13,6	81,5
<i>Pessoais</i>	10,1	10,0	99,4
Alojamento e alimentação	3,6	3,6	101,5
Serviços Prestados principalmente às famílias e associativos	3,6	3,4	94,1
<i>Serviços domésticos</i>	2,9	3,0	103,3
Sociais	26,4	26,2	99,0
Administração, saúde e educação públicas	22,9	23,4	102,1
Saúde e educação mercantis	3,5	2,8	78,8

Fonte: Seplan/Sepin/Gerência de Constas Regionais, 2010. Elaboração própria

Observando-se não mais o agrupamento por tipo de serviços, e sim a participação dos diversos segmentos, verifica-se que o que apresenta a maior participação relativa no total do VA de serviços no estado é o de comércio e serviços de manutenção e reparação de veículos (26,8%), seguido pelos serviços de administração, saúde e educação públicas (22,9%) e atividades imobiliárias e de aluguel (16,7%). Seguindo a ordem de importância na participação relativa aparecem transportes e armazenagem (7,8%), intermediação financeira, seguros e previdência (7,5%), serviços de informação (5,5%), serviços prestados principalmente às empresas (4,0%), alojamento e alimentação (3,6%), serviços prestados principalmente às famílias e associativos (3,6%), saúde e educação mercantis (3,5%) e serviços domésticos (2,9%) (Tabela 1).

Quanto à dinâmica de crescimento por tipo de serviço entre 1999 e 2008 observa-se que os serviços distributivos foram os que apresentaram o maior

crescimento em termos de participação relativa no VA de serviços no estado, com uma representação em 2008 13,5% superior à de 2002. Sua expansão foi liderada pelo segmento de comércio, que ampliou sua presença em 22,0%.

Os serviços produtivos, no seu conjunto, perderam participação relativa. Entretanto, seu segmento de serviços prestados diretamente às empresas, o mais imediatamente vinculado à expansão e diversificação da indústria, foi o que mais ampliou sua participação entre todos os segmentos de serviços no período, com um aumento de 28,3% nesse curto período de 6 anos. Os serviços sociais e pessoais mantiveram sua participação relativa.

A tabela 2 mostra a variação da participação relativa do VA de cada segmento do setor de serviços do estado no VA do país. Ela permite verificar o crescimento de cada um dos segmentos em relação a média de sua expansão em nível nacional.

Tabela 2: Participação do VA de Goiás no VA do Brasil por tipo de atividade e seus segmentos (2002-2008)

Atividades	2002	2008	2008 (2002=100)
Agropecuária	7,4	5,6	75,4
Indústria	2,3	2,4	104,3
Serviços	2,3	2,4	104,4
<i>Distributivos</i>	5,3	5,2	98,5
Comércio e serviços de manutenção e reparação de veículos	2,9	3,1	106,2
Transportes e armazenagem	2,4	2,2	89,3
<i>Produtivos</i>	7,6	7,7	101,6
Serviços de informação	2,3	1,7	72,3
Intermediação financeira, seguros e previdência complementar	1,5	1,9	122,5
Serviços prestados principalmente às empresas	1,4	1,6	119,1
Atividades imobiliárias e aluguel	2,4	2,6	106,6
<i>Pessoais</i>	7,8	8,4	108,5
Alojamento e alimentação	2,1	2,2	107,8
Serviços Prestados principalmente às famílias e associativos	2,1	2,4	110,3
Serviços domésticos	3,6	3,8	107,9
<i>Sociais</i>	3,7	3,8	101,3
Administração, saúde e educação públicas	2,2	2,3	105,0
Saúde e educação mercantis	1,5	1,5	96,1
Valor adicionado	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE/SIDRA, 2010. Elaboração própria

Nesse intervalo a participação do VA da agropecuária do Estado de Goiás no VA do PIB brasileiro caiu de 7,36% para 5,55%. O VA da indústria passou de 2,30% para 2,40%, um ganho de participação relativa de 4,35%. O VA de serviços acompanhou o ritmo de crescimento da indústria, revelando forte correlação entre os dois movimentos. Sua representação no VA nacional passou de 2,25% para 2,35%, um aumento de 4,44%.

Essa correlação fica ainda mais evidenciada quando se observa o comportamento dos serviços distributivos e produtivos. Verifica-se que, com exceção dos serviços de transporte e armazenagem e o de informação, todos os demais segmentos daqueles tipos de serviços cresceram acima de média nacional, com destaque para os de intermediação financeira e os prestados diretamente às empresas (tabela 2).

Mesmo ter um histórico com baixos níveis de salários e baixa escolaridade, o segmento de serviços pessoais, aumentou número de trabalhadores formais e cresceu acima da média nacional, respondendo ao aumento da demanda que decorre do mencionado aumento do PIB per capita.

2.2 Evolução do número de empresas e de empregos

Observando a evolução do Setor de Serviços a partir dos dados da RAIS/MTE (2008) verifica-se que Goiás possui 76.749 empresas no setor com 823.098 empregados, o que corresponde a 2,49% do total de empresas e 2,09% do total de empregos do setor no país. Entre 1999 e 2008 o número de empresas do setor em Goiás cresceu 83,1% e o número de trabalhadores 73,8%.

Em 1999 o setor de serviços respondia por 61,1% do total de empresas e 72,3% dos empregos na economia goiana. Em 2008 o setor amplia sua participação no número de empresas, passando a 63,8%, e reduz sua representatividade no total de empregos, caindo para 70,9%. O contrário ocorre com a indústria, que reduz sua participação no número de empresas, de 14,4% para 13,4%, e aumenta sua representatividade no emprego, de 21,1% para 22,8%. (Tabela 3)

Tabela 3: Distribuição do número de empresas e de empregos em Goiás por setor de atividades (1999 e 2008)

	Ano	Indústria (%)	Serviços (%)	Agropecuária (%)
Empresas	1999	14,4	61,1	24,5
	2008	13,4	63,8	22,8
Empregados	1999	21,1	72,3	6,7
	2008	22,8	70,9	6,3

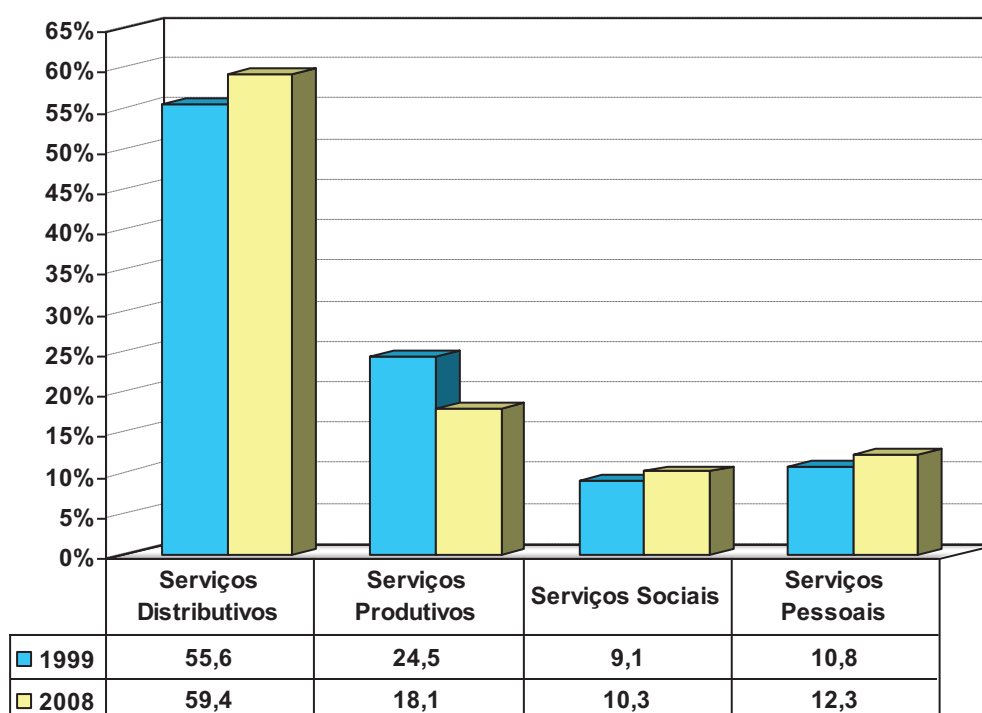
Fonte: RAIS/MTE, 1999 e 2008. Elaboração própria

2.2.1 Composição e evolução do número de empresas por segmento

Das quatro categorias, os Serviços Distributivos apresentam o maior número de empresas, em segundo lugar os Serviços Produtivos, em terceiro os Serviços pessoais e por último os Serviços Sociais.

Conforme gráfico 1 os Serviços Distributivos participaram com 55,6% no total de empresas do setor em 1999 e ampliaram essa participação para 59,4% em 2008.

Figura 4: Participação percentual das empresas de cada categoria de Serviços no número total de empresas no Setor de Serviços em Goiás (1999 e 2008).



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego - M.T.E. RAIS - 2011 - Elaboração própria

De 1999 para 2008, o número de empresas de Serviços Produtivos teve crescimento de 35,3%, sendo o pior resultado das quatro categorias, assim, sua participação do total de empresas do setor de serviços, caiu de 24,5% para 18,1% no mesmo período. Esses dados parecem contraditórios com o movimento de forte expansão industrial do período que deve se expressar na demanda por esse tipo de serviço.

Essa contradição, entretanto, é apenas aparente. A queda na participação dos empreendimentos dos serviços produtivos ocorre, principalmente, nas atividades de apoio à agricultura e à pecuária; atividades de pós-colheita, atividades de apoio à extração de minerais, e com destaque, no de manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos, que passaram de 784 para 228 empresas, de 1999 para 2008. A diminuição na quantidade de empresas nessas áreas, contudo, explica-se não pela perda de sua importância, mas por sua modernização. Isso pode ser comprovado pelo aumento da renda média no segmento, que no caso da manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos, por exemplo, passou de R\$ 348,06 em 1999 para R\$ 1.175,24 em 2008.

É preciso ainda destacar que os serviços prestados principalmente às empresas obtiveram crescimento de 25,0% de 1999 para 2008. Importantes atividades como a dos serviços de tecnologia da informação que quase dobraram a quantidade de empresas, passando de 121 para 230. Serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas de 1.615 passaram para 1.895 e serviços para edifícios e atividades paisagísticas, de 1.853 passaram para 2.338, apesar de possuírem pequeno número de empresas possuem significativo número de empregados.

Reagindo à melhoria na renda a categoria de Serviços Pessoais foi a mais dinâmica no período, ampliando sua participação relativa de 10,8% em 1999 e 12,3% em 2008. As atividades inseridas nos serviços pessoais que mais se destacaram foram: alojamento e alimentação, com representação 34,7% em 1999, passando para 45,0% em 2008 e Serviços domésticos de 1% que aumentou para 7,7%.

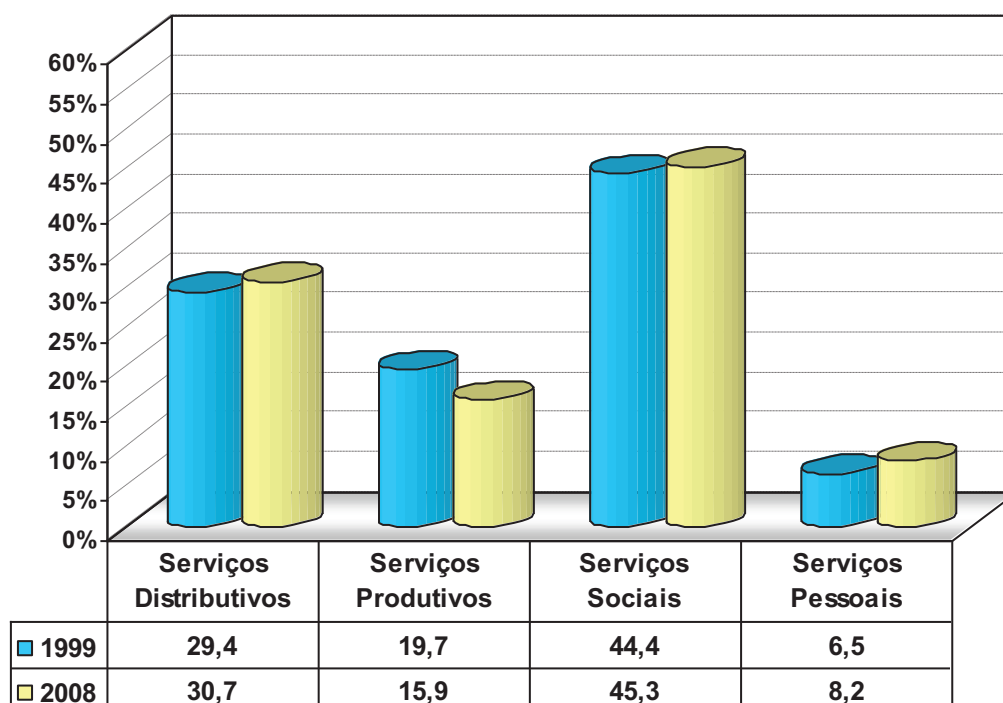
Nos Serviços Sociais, o segmento de Educação e Atividades de atenção à saúde humana, respondeu pela maioria das empresas em 2008 (82,3%). Houve também, nos serviços sociais a segunda maior variação percentual, do setor de serviços de 1999 a 2008, com um crescimento de 106,1%.

2.2.2 Composição e evolução do número de empregados por segmento

O grau de representatividade do setor de serviços no total de empregos formais em Goiás, que já era bastante elevado, ampliou-se no período analisado. Sua participação percentual no total dos empregados passou de 71,5% em 1999 para 72,5% em 2008.

O gráfico 2 permite visualizar o peso e a evolução da participação de cada tipo de serviço nos empregos do setor no período analisado. Se do ponto de vista do número de empresas a maior presença é dos serviços distributivos, no que se refere ao número de empregos a liderança é dos serviços sociais, onde se inclui a administração pública com segmentos fortemente empregadores como educação e saúde. O segmento de administração pública, defesa e seguridade social, respondeu por 80,4% dos empregos dos serviços classificados como Sociais em 2008.

Figura 5: Participação Percentual de Ocupados, Dividido por categorias no Setor de Serviços – GOIÁS – 1999/2008



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego - M.T.E. RAIS - 2011 - Elaboração própria

Os Serviços Distributivos constituem o grupo com o segundo maior contingente de ocupados entre as quatro categorias de serviços tendo participado com 30,7% em 2008. Entre os segmentos de Serviços Distributivos, o Comércio varejista e reparação de veículos automotores e motocicletas respondeu pela grande maioria dos ocupados em 2008 com 71,3%, o comércio por atacado 13,5% e transporte e armazenagem com 15,2%.

No que diz respeito às mudanças ocorridas entre 1999 e 2008 o movimento acompanha o das variações no número de empresas, com uma queda relativa na participação dos serviços produtivos e aumento dos demais, com destaque para os serviços pessoais, cujo incremento relativo, foi maior que o dos demais.

Como já argumentado no item anterior, essa queda relativa na participação nos empregos dos serviços produtivos está associada à sua modernização, que por sua vez responde às demandas colocadas pela expansão industrial no período. Os dados já apresentados de que a renda média desse tipo de serviços em Goiás aumentou no período e de que seu valor adicionado cresceu acima da média nacional, corroboram essa idéia,

Destaca-se nos serviços produtivos o crescimento dos serviços prestados principalmente as empresas. Houve nas atividades dos serviços de tecnologia da informação aumento considerável na quantidade de empregados no período de 1999 a 2008 que passou de 802 para 4.613. Nos serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas, mesmo tendo havido um pequeno aumento na quantidade de empresas, o número de empregados passou de 9.404 para 27.323, indicando um crescimento médio das empresas nesse segmento.

2.3 Classificação das empresas por porte

A metodologia utilizada pelo SEBRAE, para divisão do porte das empresas é em função do número de pessoas ocupadas, e depende do setor de atividade econômica, conforme tabela 4:

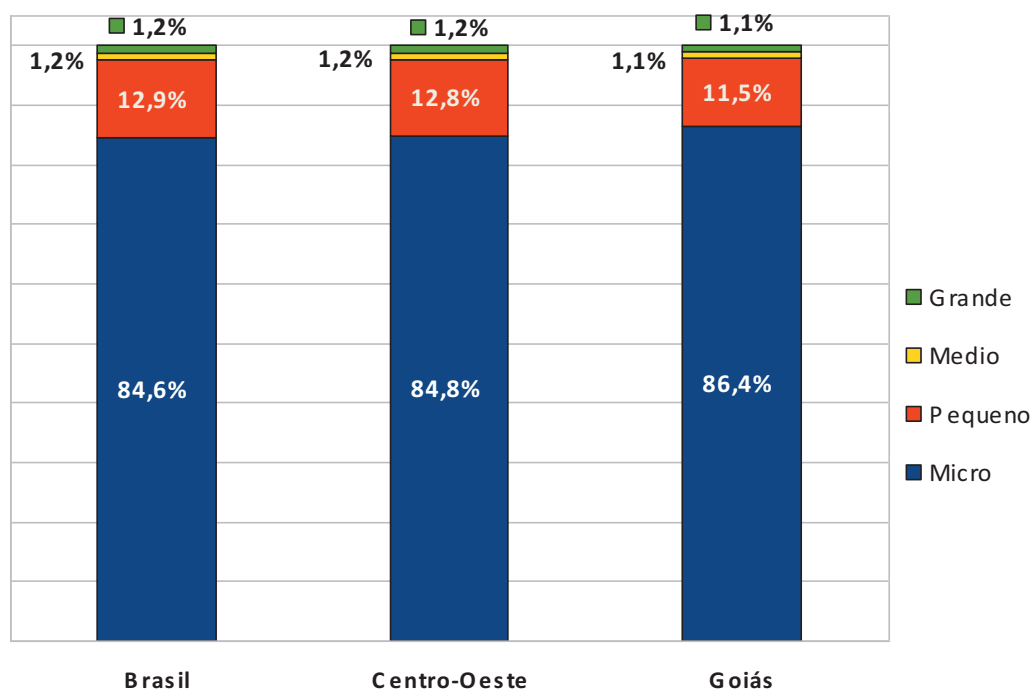
Tabela 4: Brasil: Classificação Adotada pelo SEBRAE

Porte / Setor	Indústria	Serviços
Microempresas	Até 19	Até 9 empregados
Empresas de Pequeno Porte	De 20 a 99	De 10 a 49
Médias	De 100 a 499	De 50 a 99
Grandes	500 ou mais	100 ou mais

Fonte: SEBRAE (2010) - Elaboração Própria

O Gráfico 5 demonstra a distribuição percentual do número de empresas, por porte no Brasil, Centro-Oeste e estado de Goiás. Sendo que no Brasil o maior quantitativo de empresas é micro com 84,6% no ano de 2008, juntamente com as de pequeno porte que totalizam 97,5% e as de médio e grande porte somam 2,4%. Ao se considerar o total de micro e pequeno porte do Centro Oeste ficam com 97,6% e Goiás com 95,9%, verifica-se que não existe quase nenhuma diferença, com isso Goiás segue o perfil da distribuição percentual das empresas do Centro Oeste e Brasil.

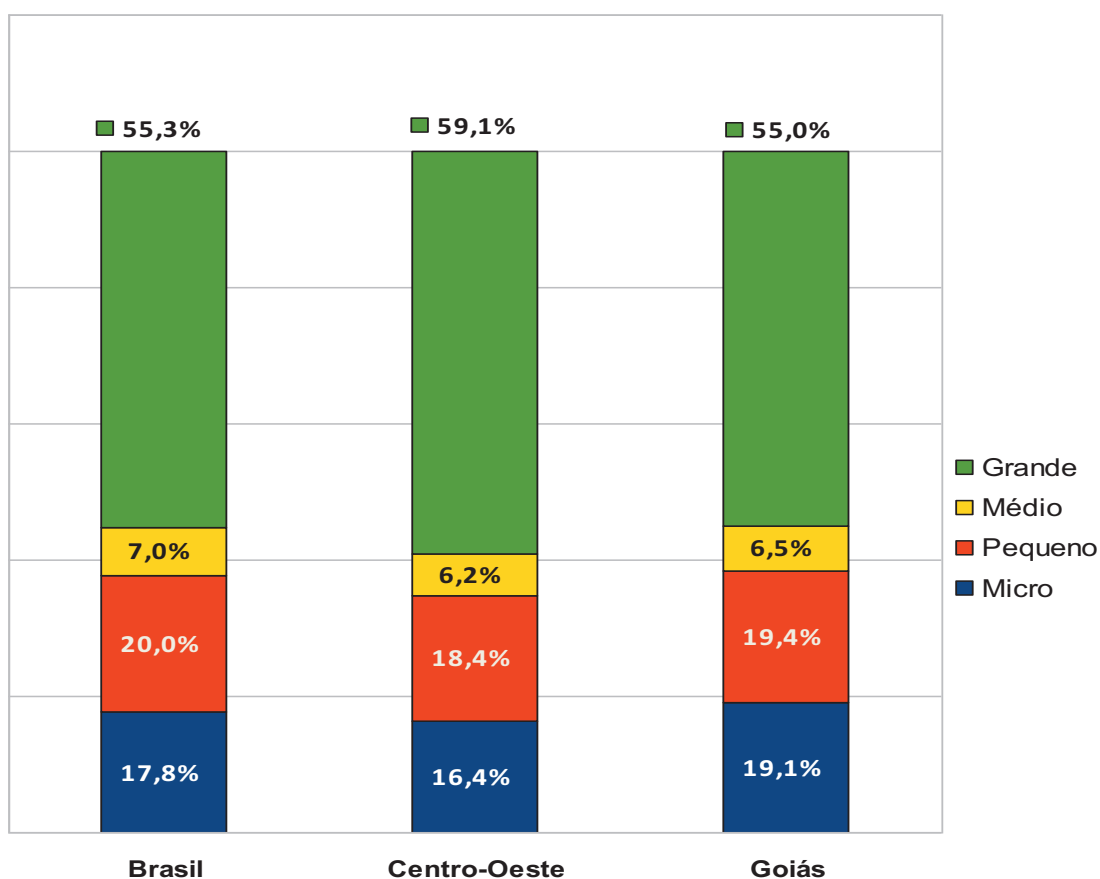
Figura 6: Distribuição percentual do número de empresas de serviços no Brasil, Centro Oeste e Goiás segundo porte – 2008.



Fonte: RAIS/MTE, 2011, elaboração própria.

Ao se verificar o gráfico 6 o estado de Goiás aparece com uma pequena diferença mas, acompanhando o perfil da distribuição percentual do número de ocupados do setor de serviços por porte de empresas no Brasil e Centro Oeste. Pode-se verificar que diferentemente do quantitativo de empresas no gráfico 5, o total de empregados concentra-se em maior número nas empresas de grande porte chegando Goiás a representar 55,0%, o Centro Oeste 59,1% e o Brasil 55,3%, em segundo lugar as que mais empregam são as empresas de pequeno porte, com maior destaque para Brasil 20,0%, Goiás que ficou com 19,4%, o Centro Oeste 18,4% .

Figura 7: Distribuição percentual do número de ocupados do setor de serviços no Brasil, Centro Oeste e Goiás segundo porte – 2008.

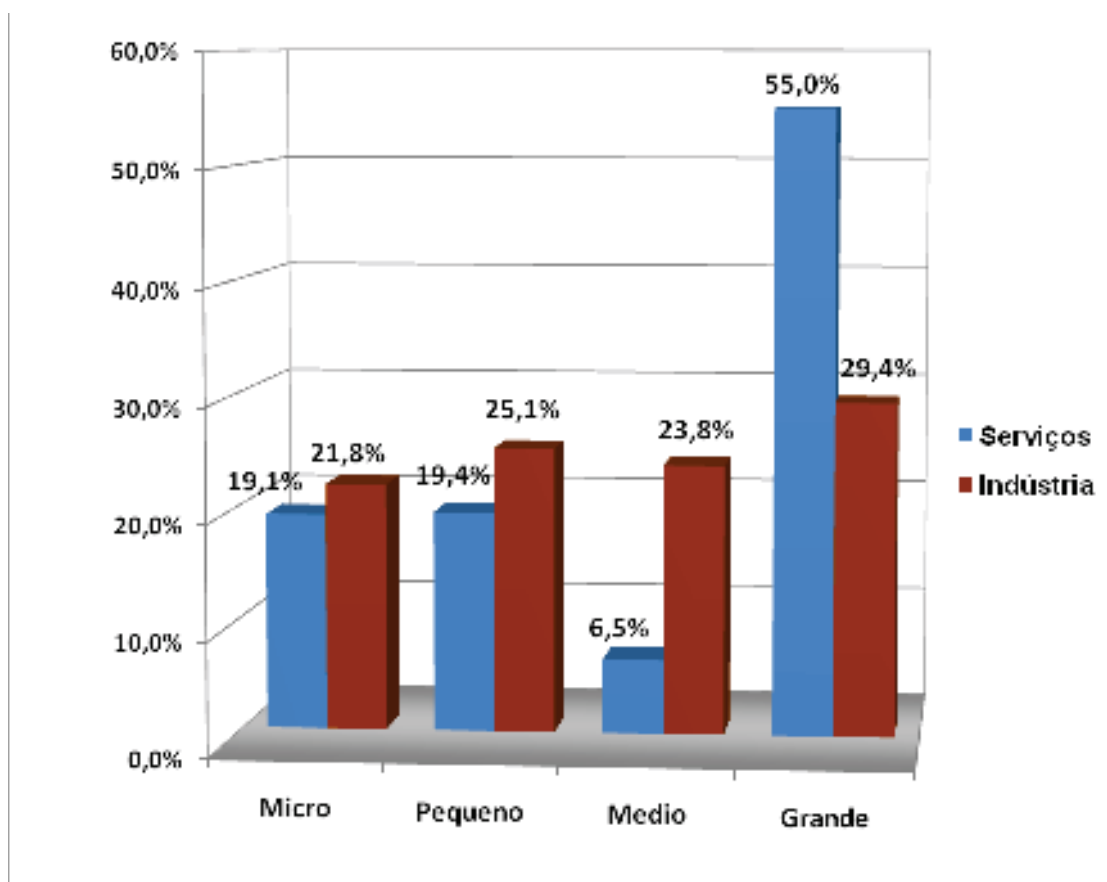


Fonte: RAIS/MTE, 2011, elaboração própria.

Ao se comparar a distribuição percentual do número de trabalhadores do setor de serviços com a indústria, por porte das empresas, verifica-se que a maior concentração é do setor de serviços, no qual as empresas de grande porte

concentram com 55,0% do de empregados, as de médio porte 6,5%, pequeno 19,4% e micro 19,1%. Já a Indústria possui pouca variação na distribuição de empregos, por porte de empresas, as microempresas ficam com 21,8%, pequenas 25,1%, médias 23,8% e as de grande porte 29,4%. Lembrando que o critério de porte de empresas é diferente entre os 2 setores.

Figura 8: Distribuição percentual do número de trabalhadores por empresa e por porte em Goiás, 2008



Fonte: RAIS/MTE, 2011, elaboração própria.

Com crescimento superior ao do país, o setor de serviços em Goiás possui significativa correlação com a expansão industrial, principalmente quando evidenciada o comportamento das atividades de serviços distributivos e produtivos, nos quais são diretamente vinculados a indústria. Ao descrever e analisar esta expansão confirma-se através da distribuição do emprego, por porte das empresas, que setor de serviços possui maior concentração que a indústria. No próximo capítulo veremos a dinâmica espacial dos dois setores e como eles se articulam.

Capítulo 3 Configuração Espacial do Setor de Serviços em Goiás

No capítulo anterior evidenciou-se que há uma forte correlação entre a expansão industrial e o crescimento no setor de serviços no período analisado. Nesse capítulo procura-se verificar em que medida a dinâmica espacial de ambos os movimentos de expansão se articulam.

3.1 Expansão e distribuição espacial do Setor de Serviços em Goiás

Verifica-se no Brasil um processo de desconcentração industrial do ponto de vista regional desde os anos 70. Observando-se os dados da tabela 5 pode-se perceber que esse movimento foi mais importante entre 1970 e 1985, seu ímpeto é menor entre 1985 e 1996, mas ele volta a se intensificar entre 2006 e 2007.

Tabela 5: Participação do Valor da Transformação Industrial das Grandes Regiões Geográficas do Brasil – 1970/2007

Regiões / UF	Valor da Transformação Industrial (Estrutura %)				
	1970	1985	1990	1996	2007
NORTE	0,8	2,5	3,1	4,5	5,9
NORDESTE	5,7	8,6	8,4	7,5	9,5
SUDESTE	80,8	70,9	69,3	68,4	62,7
Minas Gerais	15,7	9,5	9,9	9,0	10,9
Rio de Janeiro	12,1	7,7	8,8	8,7	10,1
São Paulo	58,1	51,9	49,3	49,4	39,3
SUL	12,0	16,7	17,4	17,4	18,5
CENTRO-OESTE	0,8	1,4	1,8	2,2	3,5
BRASIL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

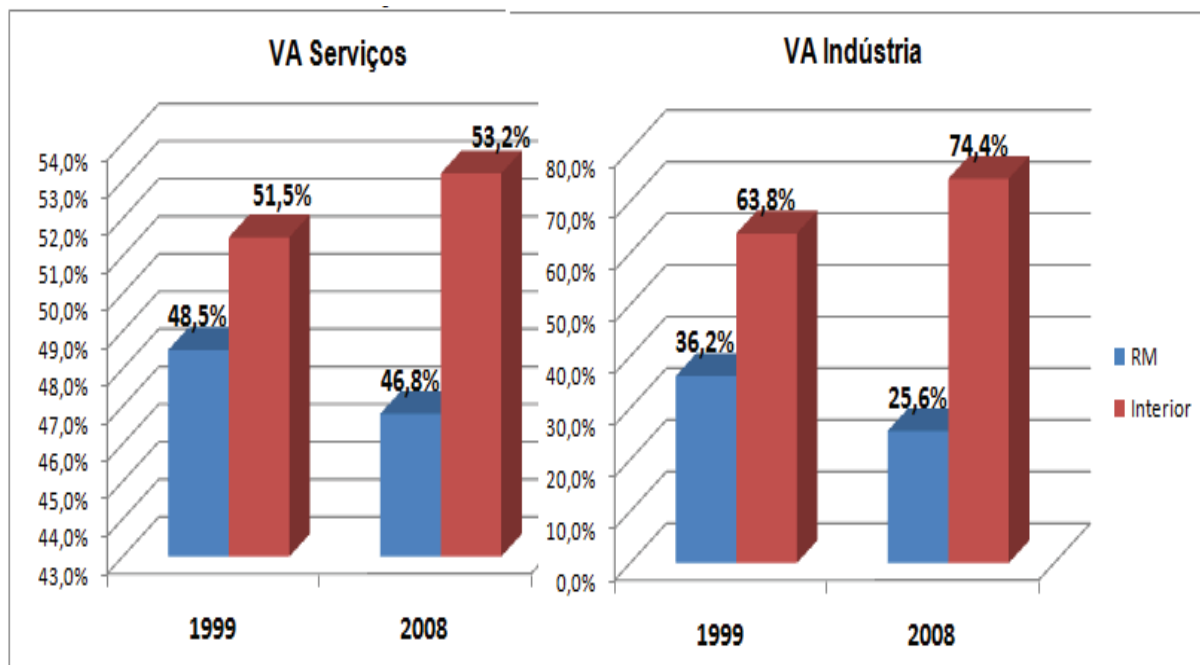
Fonte: IBGE,2010 e DINIZ E CROCCO, 1996, p. 83, Apud ARRIEL,2010, p.36

Arriel (2010) mostra que Goiás se destaca nesse último período, ampliando sua participação do Valor de Transformação Industrial do país de 1,12% em 1996 para 1,86% em 2007. Esse autor mostra ainda que esse processo foi acompanhado de um movimento de desconcentração da atividade industrial dentro do estado. Analisando as informações de faturamento industrial a partir de 1999, primeiro ano que esses dados se encontram disponíveis por município, Arriel constata que enquanto a Região Metropolitana de Goiânia concentrava 36,41% de todo faturamento da indústria em 1999 o interior do estado ficava com 63,59%. Em 2007 a participação da área metropolitana cai para 21,95%, enquanto o restante do estado sobe para 78,05% (ARRIEL, 2010, p. 58-59).

A literatura aponta que as atividades de serviços são, em geral, mais concentradas no espaço que as atividades industriais, com uma tendência à aglomeração das primeiras nas regiões metropolitanas. Observando-se os dados da distribuição espacial do valor adicionado no PIB goiano dos serviços e da indústria, apresentados no gráfico 8, pode-se perceber que essa tendência é clara no caso de Goiás. Em 2008 46,8% do VA de serviços estava concentrado na Região Metropolitana de Goiânia contra 25,6% do VA da indústria.

Os dados de valor adicionado do período 1999 e 2008 confirmam a tendência de desconcentração da atividade industrial em direção ao interior do estado apontadas por Arriel. Mostram ainda que o VA do setor de serviços acompanha essa tendência, dada a correlação existente entre os dois setores. Entretanto, esse movimento foi muito mais acentuado no caso da indústria, onde a participação do VA da RM caiu 10,6 pontos percentuais no período, do que no setor de serviços, onde a queda foi de apenas 1,7 pontos (Gráfico 8).

Figura 9: Participação da Região Metropolitana de Goiânia (RM) e dos municípios do interior de Goiás, no total do VA de Serviços e da Indústria em Goiás (1999 e 2008)



Fonte: Seplan-Go/Sepin, 2010. Elaboração própria.

Constata-se assim que a atividade de serviços não apenas é mais concentrada do que a atividade industrial no estado, como também ela é mais resistente ao processo de desconcentração.

Os dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego - MTE revelam que a concentração dos empregos no setor de serviços é ainda maior do que a verificada no valor agregado, assim como seu movimento de desconcentração entre 1999 e 2008 foi ainda menor. Em 1999, 63,7% dos empregos formais no setor de serviços localizavam-se na RM, passando a 62,9% em 2008, uma queda de menos de 1 ponto percentual.

Tabela 6: Participação da Região Metropolitana de Goiânia (RM) no total de empregos formais no segmento de serviços em Goiás, por tipo (1999 e 2008)

Ano	Tipo de Serviço					
	Distributivos*	Produtivos	Modernos**	Sociais	Pessoais	Total
1999	58,90%	73,60%	91,40%	60,00%	69,30%	63,70%
2008	58,80%	75,20%	83,30%	60,70%	57,40%	62,90%

Fonte: RAIS-MTE 1999 e 2008. Elaboração própria.

*Serviços distributivos menos comércio varejista.

**Segmentos mais modernos dos serviços produtivos: serviços de telecomunicações, tecnologia de informação, engenharia e P&D.

Ao se observar os dados por tipo de serviços, verifica-se que a maior concentração se dá nos serviços produtivos, com destaque para seus segmentos mais modernos onde se incluem telecomunicação, TI, engenharia e análises técnicas, assim como P&D. Trata-se de segmentos que dependem da proximidade com outros serviços sofisticados e necessitam de mão de obra altamente especializada, mais difíceis de serem encontradas fora das regiões metropolitanas.

Entre 1999 e 2008 a concentração nos serviços produtivos em geral aumenta, passando de 73,6% para 75,2% o total de empregos nesse setor aglomerado na RM. Entretanto, verifica-se uma desconcentração nas atividades mais modernas, cuja concentração na RM cai de 91,4% para 83,3%. Essa redução da participação da RM na oferta de serviços mais modernos está relacionada ao crescimento de setores industriais como o farmacêutico e automobilístico em Anápolis, o automobilístico e minero-químico em Catalão, e da moderna agroindústria em cidades como Rio Verde, Jataí, Itumbiara e Luziânia, juntamente com a expansão da estrutura de ensino superior nesses municípios. Contudo, a concentração desses serviços ainda permanece elevada, com o interior respondendo por apenas 16,3% dos empregos no segmento.

Nos serviços pessoais verifica-se também certa desconcentração em relação à RM, com a participação de trabalhadores do segmento nessa região caindo de 63,9% em 1999 para 57,4% em 2008, o menor índice entre todos os tipos de serviços. Enquanto diversos serviços distributivos e produtivos podem ser prestados no interior por empresas situadas na capital ou mesmo fora do estado - no caso de empresas de marketing e propaganda e grandes transportadoras, por exemplo -, os serviços pessoais dependem da proximidade com o usuário. Assim,

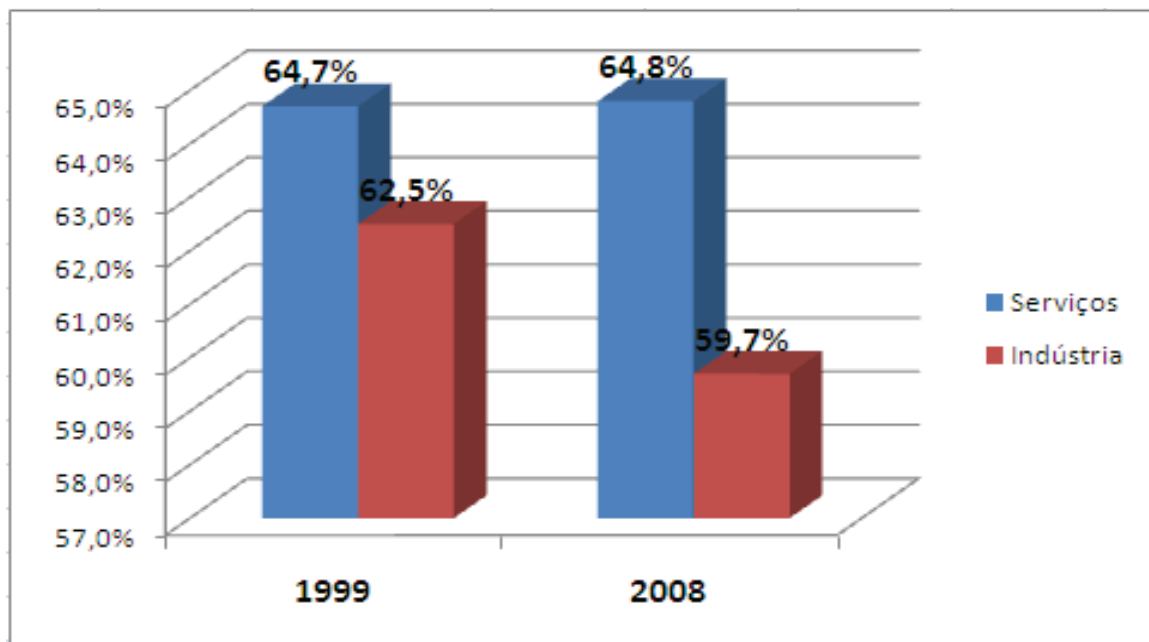
esse tipo de serviço acompanha espacialmente a distribuição da população e da renda per capita.

Em seu estudo sobre a dinâmica espacial da indústria goiana Arriel (2010) mostra, utilizando dados de faturamento industrial para o período 1999-2007, que apesar de se desconcentrar em relação à região metropolitana, a atividade industrial do estado tende a se concentrar ainda mais em torno de um número reduzido de municípios. Entre 1999 e 2007 os 10 municípios com maior faturamento industrial em Goiás aumentam sua participação no faturamento total da indústria no estado de 63,3% para 68,1% (ARRIEL, 2010, p.60)

A análise dos dados de valor adicionado aponta no mesmo sentido, confirmando que a desconcentração da atividade industrial em direção ao interior ficou circunscrita a alguns poucos municípios. O VA da indústria dos 10 municípios com maior presença industrial passa de 66,1% para 66,8% do total do VA do setor no estado entre 1999 e 2008.

Quando se retira da lista dos municípios com maior participação no VA de indústria aqueles que possuem grandes usinas hidrelétricas, o que distorce o dado em favor deles, observa-se uma pequena desconcentração também no que se refere aos 10 municípios com maior atividade industrial, cuja participação no VA total cai de 62,5% em 1999 para 59,7% em 2008. Já a participação dos 10 principais municípios no VA do setor de serviços não cai, ao contrário apresenta ligeira elevação no período, reafirmando a tendência de maior resistência à desconcentração desse setor.

Figura 10: Percentual do total estadual do VA de Serviços e do VA da Indústria dos 10 municípios de Goiás com maior participação nos dois indicadores* (1999 e 2008)



Fonte: Seplan-Go/Sepin, 2010. Elaboração própria.

*Excluindo-se os municípios que cediam grandes usinas hidrelétricas.

Comparando-se as listas dos municípios com maior participação no VA da indústria e no VA do setor de serviços verifica-se que há uma coincidência entre oito deles. Apenas dois municípios não coincidem nas duas listas. Trata-se de Niquelândia e Alto Horizonte, presentes na lista do VA da Indústria, mas ausentes na de serviços, e Senador Canedo e Valparaíso de Goiás, em situação inversa (Quadro 1).

Os dois primeiros são caracterizados por estruturas industriais infladas pela presença de grandes empresas de extração mineral com baixa integração com a economia local, o que permite a convivência de elevada produção industrial com oferta de serviços locais relativamente baixa e pouco diversificada. Os dois últimos situam-se na região metropolitana de Goiânia e Brasília, respectivamente, o que explica sua forte participação no VA de serviços apesar da pequena expressão de sua produção industrial. No caso de Senador Canedo a presença da base de distribuição da Petrobrás é a principal razão de seu elevado valor adicionado do terciário.

Quadro 1: Municípios com maiores participações no Valor Adicionado da Indústria e no VA de Serviços* (2008)

VA INDÚSTRIA			VA SERVIÇOS		
	Município	2008		Município	2008
1	Goiânia	16,3%	1	Goiânia	34,1%
2	Anápolis	11,3%	2	Anápolis	5,7%
3	Catalão	7,9%	3	Aparecida de Goiânia	5,3%
4	Rio Verde	6,8%	4	Senador Canedo	4,1%
5	Aparecida de Goiânia	4,6%	5	Catalão	3,9%
6	Itumbiara	3,7%	6	Rio Verde	3,8%
7	Luziânia	3,5%	7	Itumbiara	2,4%
8	Jataí	3,0%	8	Luziânia	2,3%
9	Niquelândia	1,5%	9	Jataí	2,0%
10	Alto Horizonte	1,3%	10	Valparaíso de Goiás	1,1%
	Total	59,7%	Total		64,8%

Fonte: Seplan-Go/Sepin, 2010. Elaboração própria.

*Excluindo-se os municípios que sediam grandes usinas hidrelétricas.

Os municípios presentes nas duas listagens são aqueles que possuem uma indústria um pouco mais diversificada e integrada localmente, e que, portanto, dependem e ao mesmo tempo estimulam o desenvolvimento de uma base local de serviços mais ampla e complexa. São eles: Goiânia, Aparecida de Goiânia, Anápolis, Catalão, Rio Verde, Jataí, Itumbiara e Luziânia.

Arriel (2010, p.65) relacionou as 16 atividades industriais com participação igual ou superior a 1,0% no faturamento industrial de Goiás, e cruzou a informação com os 26 municípios que têm maior representatividade no setor. Essas 16 atividades representam 98,11% do faturamento total do setor industrial goiano e os 26 municípios respondem por 68,52% do faturamento dessas atividades e 78,46% do faturamento total do setor industrial do Estado. Os municípios que integram as duas listas, com exceção de Jataí⁴, são os únicos que cediam mais de uma atividade industrial de importância (Quadro 2).

⁴ Jataí, contudo, deve ser considerado em conjunto com Rio Verde, dada a proximidade e complementaridade produtiva entre os dois municípios.

Esse conjunto de municípios apresenta não apenas uma elevada produção industrial, para os padrões do Estado, como também uma relativa diversificação de sua indústria.

Quadro 2: Localização das principais atividades industriais em Goiás – 2007

Atividades Industriais	Municípios	Representatividade* (%)	Participação no Estado (%)
Fabricação de produtos alimentícios	Goiânia; Rio Verde; Luziânia; Itumbiara; Jataí	50,36	49,26
Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	Anápolis; Catalão	99,06	10,86
Fabricação de produtos químicos	Anápolis; Catalão; Luziânia; Aparecida de Goiânia	79,4	7,53
Fabricação de bebidas	Anápolis; Goiânia; Trindade; Alexânia	96,43	4,5
Extração de minerais metálicos	Niquelândia; Alto Horizonte; Crixás	91,92	4,26
Fabricação de produtos farmoquímicos e farmacêuticos	Anápolis; Goiânia	96,94	3,04
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	Anápolis; Goiânia; Rio Verde; Aparecida de Goiânia	84,52	2,97
Metalurgia	Niquelândia	94,65	2,44
Fabricação de produtos de borracha e de material plástico	Anápolis; Goiânia; Aparecida de Goiânia	93,24	2,33
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	Turvelândia; Inhumas; Anicuns, Itapaci; Carmo do Rio Verde	69,71	2,03
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	Anápolis; Goiânia; Aparecida de Goiânia; Cezarina	75,67	1,76
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	Goiânia; Anápolis; Jaraguá Aparecida de Goiânia	83,25	1,74

Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	Goiânia; Trindade; São Luis de Montes Belos; Hidrolândia; Porangatu	87,31	1,63
Extração de minerais não-metálicos	Catalão; Ouidor; Minaçu	72,05	1,37
Fabricação de máquinas e equipamentos	Goiânia; Catalão	86,93	1,26
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	Anápolis; Rio Verde; Aparecida de Goiânia; Senador Canedo	94,86	1,14
Total		68,52	98,11

Fonte: ARRIEL, 2010 p 65

*Participação do faturamento da atividade nos municípios referidos no total do faturamento da atividade no Estado

*Participação do faturamento da atividade no faturamento total da indústria no estado.

Observando-se a Tabela 7 pode-se perceber que a concentração e diversificação da oferta de serviços está relacionada à presença e diversificação das atividades industriais e ao tamanho da população nos municípios. É particularmente elevada a correlação entre diversificação da atividade industrial e da atividade de serviços, sendo maior do que a relação entre essa última e o tamanho da população dos municípios com maior participação no VA dos dois macro setores em Goiás. O coeficiente de correlação (r) entre o número de grupos CNAE da indústria e o número de grupos CNAE de serviços presentes na estrutura produtiva desses municípios é 0,94, enquanto o r entre esses últimos e o tamanho da população é 0,87.

Tabela 7: Número de grupos CNAE 2.0 da indústria e de serviços presentes na estrutura produtiva e população de municípios selecionados de Goiás (2008)

Municípios	Número de grupos CNAE da Indústria presentes (130*)	Número de grupos CNAE de Serviços presentes (149*)	População*
Goiânia	110	132	1.265.394
Anápolis	84	108	331.329
Aparecida de Goiânia	79	108	494.919
Itumbiara	59	102	91.843
Rio Verde	68	100	158.818
Catalão	60	96	79.618
Jataí	49	90	85.491
Luziânia	51	87	203.800
Valparaíso	36	77	120.878
Senador Canedo	37	73	75.297
Niquelândia	29	66	39.720
Alto Horizonte	9	21	3.318

Fonte: RAIS/MTE, 2008 e Seplan-Go/Sepin, 2010. Elaboração própria

*Número total de grupos CNAE 2.0 no macro setor

**População estimada 2008

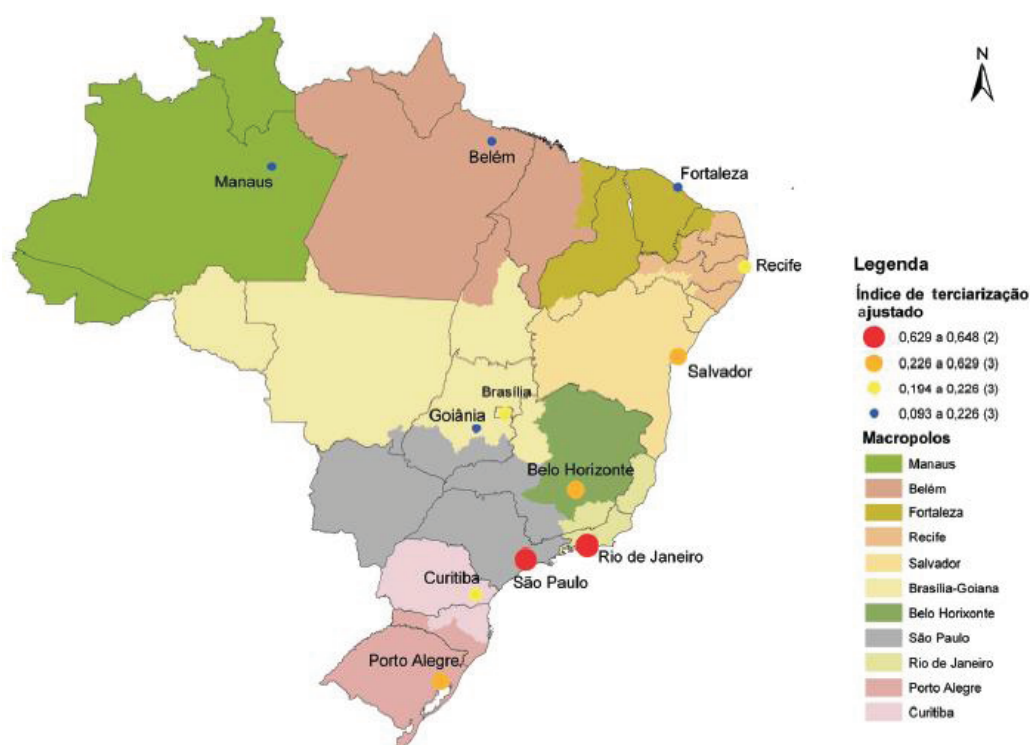
3.2 Distribuição dos serviços e polarização

Estudos realizados pelo CEDEPLAR/UFMG, sumarizados por Lemos et al (2003), atribuem papel central ao setor de serviços para a definição de pólos dinâmicos do país e suas respectivas áreas de influência. À localização essencialmente urbana das atividades de serviços soma-se seu papel como potencializador do impacto sobre os pólos de crescimento, influenciando o padrão de localização da indústria. Sua complexidade e diversidade é um fator encorajador da aglomeração industrial.

Utilizando Christaller como referência teórica, os autores propõem uma nova regionalização para o país a partir da hierarquização do poder de atração econômica das concentrações de serviços em algumas regiões metropolitanas (RM). Esse poder de atração é medido por meio de um Índice de Terciarização (It) de cada município obtido pela ponderação da massa salarial do setor de serviços em relação a massa salarial total.

Segundo a regionalização obtida, existiriam 11 macrorregiões (Porto Alegre; Curitiba; São Paulo; Belo Horizonte; Rio de Janeiro; Salvador; Recife; Fortaleza; Belém; Manaus; e Brasília-Goiânia) que polarizariam as atividades econômicas em todo o país, com várias regiões administrativas sendo inteiramente polarizadas por outras com é o caso de vários estados do nordeste, Santa Catarina e o Espírito Santo. Verifica-se ainda regiões administrativas com partes de seus territórios polarizadas economicamente por outros pólos, como é o caso de Goiás que ganha parte do território de Minas Gerais, que por sua vez tem parte de seu território polarizado por São Paulo e pelo Rio de Janeiro (Figura 2).

Figura 11: Macropólos Brasileiros e Áreas de Influência



Fonte: Lemos et al, 2003, p. 196

Conforme descrito nos aspectos metodológicos, para identificar os pólos regionais e suas áreas de mercado no âmbito da economia goiana calculou-se o It dos municípios do Estado, substituindo-se a massa de rendimentos pelos dados de Valor Adicionado (VA) dos setores, utilizando-se a base de dados do Produto Interno Bruto (PIB) municipal de 2008.

Quanto maior é o It do município, maior é sua potencialidade de polarizar seu entorno. Da mesma forma, um It menos representativo indica que o município apresenta um baixo nível de influência regional ou baixa capacidade de absorver a própria renda que gera em sua economia, bem como polarizar os demais municípios em seu entorno, sendo assim polarizado por outro município que possui It mais elevado.

Utilizou-se na verdade, com também já foi descrito inicialmente na metodologia desse trabalho, um Índice de terciarização ajustado (It*) pela massa de VA total para evitar distorção causada pela forte presença de pequenos municípios altamente dependentes de transferências governamentais e, portanto, com elevado peso da administração pública na economia, sem que haja transbordamento para outras localidades.

Quadro 3: Índices de Terciarização Ajustado (It*) dos municípios de Goiás com o índice acima de 0,20 - 2008

Municípios	It*
Goiânia	4,54
Senador Canedo	2,83
Aparecida de Goiânia	1,47
Anápolis	0,74
Valparaíso de Goiás	0,55
Rio Verde	0,47
Itumbiara	0,41
Formosa	0,36
Catalão	0,34
Águas Lindas de Goiás	0,29
Luziânia	0,28
Jataí	0,26

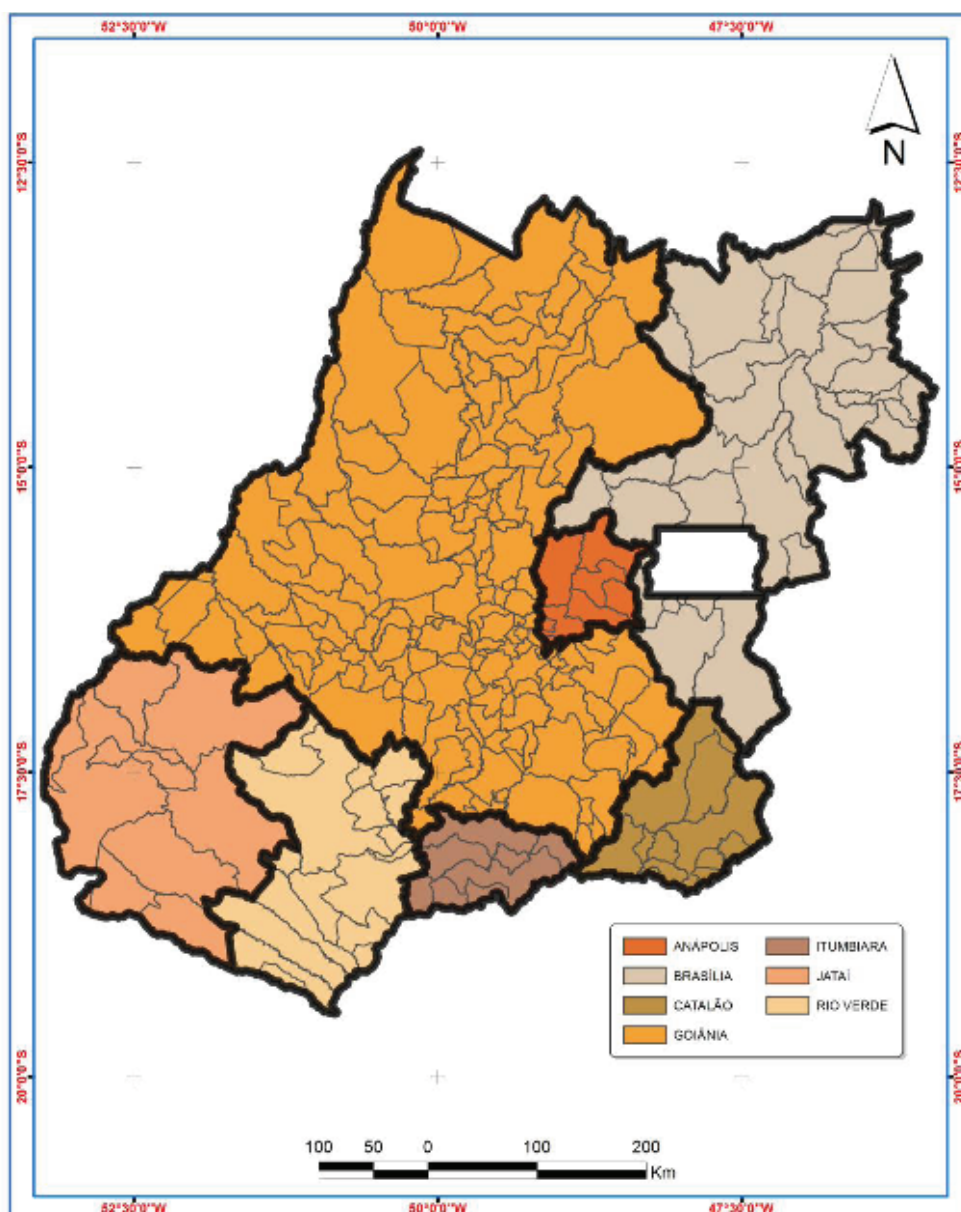
Fonte: Elaboração própria

Foram selecionados aqueles municípios que obtiveram resultados do It* superior a 0,20. Os municípios do entorno de Goiânia e Brasília que aparecem na lista não podem ser considerados pólos em razão de constituírem parte da região

metropolitana das duas capitais e estarem submetidos ao poder maior de polarização daquelas.

Restaram como pólos: Goiânia, Anápolis, Catalão, Itumbiara, Rio Verde e Jataí (Quadro 3). Lembrando que está se falando aqui de “pólo de serviços”. De “lugar central” no sentido de Christaller. Municípios cuja capacidade de polarização, medido por um índice de terceirização, estão associados ao fato deles serem centros de oferta de serviços.

Figura 12: Municípios pólo de Goiás e suas áreas de mercado



Fonte: Elaboração própria

Trata-se, como visto no item anterior, dos principais centros que tem concentrado a expansão industrial em Goiás. A localização das indústrias em regiões que concentram população e oferta de serviços causa um processo circular e contínuo, pelo qual a população se concentra nas aglomerações urbanas, atraindo atividades produtivas que também se aglomeram, como afirmou Myrdal (1968), com a sua teoria da causação circular e acumulativa. Esses movimentos se reforçam gerando uma tendência à concentração e polarização das atividades econômicas no espaço

Trata-se de uma relação complexa onde não há uma direção de causação rígida e pré-definida. Na maioria dos pólos industriais emergentes como Rio Verde, Jataí, Catalão, Itumbiara e Luziânia, por exemplo, a presença prévia ou o crescimento do setor de serviços no período não foi fator locacional fundamental na atração e expansão da indústria e sim, muito mais, consequência desta. A estrutura industrial desses municípios é dominada pelas chamadas “indústrias weberianas”, de processamento básico agroindustrial e mineral, cujo fator locacional decisivo para implantação é a proximidade com a fonte de matérias-primas. Trata-se de uma indústria que, ao se implantar, atrai e estimula o desenvolvimento de serviços produtivos e distributivos que são fundamentais para sua própria expansão.

Em municípios liderados por grandes indústrias de extração mineral, além de baixa diversificação industrial, como Niquelândia e Alto Horizonte nem a presença prévia de uma estrutura de serviços é requerida nem seu desenvolvimento posterior é expressivo, o que explica o fato desses municípios aparecerem como pólos industriais emergentes mais com VA de serviços e It^* muito baixos.

Já para o desenvolvimento de setores menos dependentes de vantagens comparativas naturais como a farmacêutica e a metal mecânica em Anápolis ou a metal mecânica e a química em Catalão, a presença prévia de uma razoável base de serviços produtivos e distributivos foi sem dúvida um fator locacional decisivo. Por outro lado, a fragilidade das atividades de serviços mais modernos, bem como de serviços sociais estratégicos como educação, funciona como um elemento limitador do avanço dessas indústrias em direção a etapas de maior valor agregado nessas localidades. Uma estrutura de oferta prévia de qualidade desses serviços é fator locacional decisivo para segmentos industriais mais intensivos em conhecimento. Oferta essa que não se desenvolve espontaneamente a partir de pressões de

demanda da indústria, dependendo de políticas públicas ativas para serem desenvolvidas.

O quadro 4 retoma a lista dos dez municípios com maior participação no VA da indústria e os dez mais representativos no VA de serviços, considerando as mudanças nas participações relativas entre 1999 e 2008. A tabela 8 registra as participações desses mesmos municípios no número de trabalhadores no setor de serviços por tipo de serviço nos dois anos referidos. Com a análise desses dados procura-se verificar como se relaciona a distribuição espacial dessas duas atividades em seu processo de expansão no período, considerando efeitos da polarização.

Quadro 4: Municípios com maiores participações no Valor Adicionado da Indústria e no VA de Serviços* (1999 e 2008)

VA Indústria				VA Serviços			
Município		1999	2008	Município		1999	2008
1	Goiânia	38,4%	16,3%	1	Goiânia	38,4%	34,1%
2	Anápolis	7,3%	11,3%	2	Anápolis	7,3%	5,7%
3	Catalão	1,7%	7,9%	3	Aparecida de Goiânia	4,5%	5,3%
4	Rio Verde	3,4%	6,8%	4	Senador Canedo	2,2%	4,1%
5	Aparecida de Goiânia	4,5%	4,6%	5	Catalão	1,7%	3,9%
6	Itumbiara	2,1%	3,7%	6	Rio Verde	3,4%	3,8%
7	Luziânia	2,1%	3,5%	7	Itumbiara	2,1%	2,4%
8	Jataí	2,0%	3,0%	8	Luziânia	2,1%	2,3%
9	Niquelândia	1,1%	1,5%	9	Jataí	2,0%	2,0%
10	Alto Horizonte	0,0%	1,3%	10	Valparaíso de Goiás	1,1%	1,1%
Total		62,5%	59,7%	Total		64,7%	64,8%

Fonte: Seplan-Go/Sepin, 2010. Elaboração própria.

*Excluindo-se os municípios que cediam grandes usinas hidrelétricas.

A capital Goiânia foi quem individualmente apresentou a maior queda na participação no VA da indústria estadual, de 38,4% em 1999 para 16,3% em 2008, sendo a principal responsável pela desconcentração da atividade industrial da RM em relação ao interior mencionada no capítulo anterior. Sua queda na participação no VA de serviços, entretanto, foi proporcionalmente muito menor (de 38,4% para 34,1%) e mais do que compensada pelo aumento da participação relativa dos municípios limítrofes de Aparecida de Goiânia e de Senador Canedo (Quadro 4).

Os dados de participação da capital no total de empregos do setor de serviços no período 1999 a 2008 apresentam comportamento semelhante ao do VA, com a diferença de que a concentração relativa é ainda maior e que o aumento da participação de Aparecida de Goiânia não compensa a perda em Goiânia, reforçada também por pequena redução em Senador Canedo (Tabela 8) Entretanto, como já foi argumentado anteriormente, essa redução se deve mais à modernização do setor na RM no que propriamente um perda de importância relativa, como indica o comportamento diferenciado do VA.

O elevado It^* da capital e seus municípios limítrofes, que formam o núcleo da RM, confirma seu papel de centro de oferta de serviços com uma polarização que extrapola os limites do próprio Estado, como indica o quadro 3. Ali se concentram serviços com maior escala e alcance que, exatamente por essas características, tem dificuldade de se espalhar pelo interior, mesmo em direção aos pólos regionais que estão se reforçando.

Observando-se a variação de sua participação relativa no número de empregados no Estado por tipo de serviço no período em análise (Tabela 8) percebe-se que é nos serviços sociais e nos serviços distributivos que a queda é menor. No primeiro caso universidades e hospitais de maior porte, assim como outros serviços educacionais e de saúde mais sofisticados são os que apresentam maior resistência à desconcentração. No segundo caso, a já mencionada possibilidade de grandes empresas de transporte poder atender os pólos mais dinâmicos a partir de suas sedes na RM explica seu descolamento relativo do movimento de realocização industrial.

Os serviços produtivos e, de maneira ainda mais intensa, os serviços pessoais são os que mostram maior queda na participação da capital. Os primeiros estão mais “colados” na movimentação espacial da indústria. Seus segmentos mais modernos, contudo, mais dependentes da concentração de outros serviços sofisticados e de mão de obra qualificada, tendem a permanecer na RM. O forte crescimento da participação de Aparecida de Goiânia nos serviços produtivos está relacionado, em parte, ao crescimento das atividades de TI e consultoria naquele município limítrofe da capital, além de outros serviços produtivos demandados pela expansão de sua atividade industrial. Os serviços pessoais, como já argumentado anteriormente, são mais dependentes de proximidade e mais sensíveis ao aumento

da população e de renda, e por isso tem crescido mais aceleradamente nas cidades pólo emergentes, especialmente naquelas mais distantes dos macropólos.

Em Aparecida de Goiânia a participação relativa no VA da indústria permanece praticamente a mesma enquanto a sua participação no VA de serviços apresenta um pequeno crescimento (Figura 9).

Considerando sua participação em número de empregos por tipos de serviço verifica-se um destaque nos serviços distributivos, cuja representação mais do que triplica no período analisado. As atividades de armazenamento e transporte rodoviário lideram essa expansão afirmando a posição do município como novo pólo logístico (Tabela 8).

O pólo de Anápolis apresenta um resultado curioso, importante ampliação em sua participação no VA industrial e queda expressiva quanto ao VA de serviços (Figura 9). Isso se deve à sua condição peculiar de município com uma estrutura industrial mais forte e diversificada, mas localizado entre Goiânia e Brasília, os dois integrantes do macropolo da região central do Brasil. Assim, parte importante da demanda originada da expansão da sua indústria, bem como de sua população e renda, é atendida pelas duas capitais.

Rio Verde, Jataí, Itumbiara e Catalão, pólos industriais e de serviços mais distantes de Goiânia e Brasília apresentaram forte expansão de sua participação no VA da indústria, todos eles com crescimento relativo de mais de 50% entre 1999 e 2008, e crescimento da participação no VA de serviços (Figura 9). Quanto aos tipos de serviços esses municípios apresentam ampliação importante em sua participação nos empregos dos serviços produtivos, complementares à atividade industrial e com mais dificuldade de serem atendidos pelos macropólos em função da distância. Assim como nos serviços pessoais, sensíveis à distância e aos ganhos de renda. No caso de Itumbiara verifica-se também uma ampliação importante em sua representação nos serviços distributivos, em razão de uma concentração de investimentos de distribuidoras farmacêuticas no município.

Tabela 8: Participação percentual do VA de serviços de municípios escolhidos de Goiás no VA total de serviços no Estado

Municípios	Produtivos		Distributivos		Sociais		Pessoais		Total	
	1999	2008	1999	2008	1999	2008	1999	2008	1999	2008
Goiânia	52,3	46,8	50,3	49,1	55,6	54,4	64,0	50,8	53,9	42,3
Aparecida de Goiânia	17,8	25,7	2,8	9,7	1,7	4,9	2,2	4,2	5,2	7,9
Anápolis	4,0	3,3	9,2	6,9	3,5	3,0	7,0	6,2	5,5	3,3
Rio Verde	1,9	2,2	4,3	4,3	1,7	2,1	1,8	6,6	2,5	2,4
Luziânia	1,3	1,4	2,5	2,3	1,1	1,3	3,1	1,5	1,7	1,2
Itumbiara	1,1	1,4	2,4	3,0	1,3	0,9	1,2	1,5	1,6	1,1
Catalão	0,9	1,3	2,1	1,9	1,0	0,8	1,6	1,3	1,3	0,9
Valparaíso de Goiás	1,4	0,8	1,5	0,7	0,8	0,9	1,0	0,7	1,1	0,7
Jataí	0,3	0,7	1,0	1,8	0,7	0,8	0,6	1,8	0,7	0,8
Senador Canedo	1,3	0,5	0,3	0,4	0,4	0,6	0,5	0,2	0,5	0,4
Niquelândia	0,3	0,5	0,3	0,3	0,3	0,5	0,2	0,4	0,3	0,4
Alto Horizonte	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0
Goiás	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: RAIS/MTE, 1999 e 2008. Elaboração própria

A tabela 9 mostra a distribuição percentual de empregos por tipo de serviços internamente a cada município, em 2008.

Para todos os municípios considerados, com exceção de Aparecida, os serviços sociais representam a maior parcela individual do número de empregados no setor. Na capital, no entanto, ele é proporcionalmente bem maior que nos demais municípios, chegando a quase 60%, reforçando o argumento anterior quando ao seu papel no fornecimento desse tipo de serviço, especialmente os mais complexos e de maior escala e alcance e, portanto, mais resistentes à desconcentração. Os serviços produtivos vêm em segundo lugar e os distributivos em terceiro em Goiânia, ambos com participação expressiva no total de empregados do setor na cidade, dada a complexidade e diversidade de sua estrutura produtiva e seu papel de macropolo. Já os serviços pessoais, que se descentralizam com mais facilidade, representam menos de 10% do total, apesar da grande concentração populacional na capital.

Em Aparecida de Goiânia, a proximidade com Goiânia somada à existência de um distrito industrial pujante e relativamente diversificado, explicam a participação dos serviços produtivos com mais de 50% do total, e a baixa participação relativa dos serviços sociais e, sobretudo, dos pessoais. Os serviços distributivos, em função da já mencionada importância crescente das atividades de

logística naquele município, respondem por 15,3%, percentual superior ao de Goiânia (Tabela 9)

Tabela 9: Distribuição do número de empregados no setor de serviços por tipo em municípios escolhidos de Goiás – 2008

Municípios	Produtivos	Distributivos	Sociais	Pessoais	Total
Goiânia	17,6%	14,4%	58,2%	9,8%	100,0%
Aparecida de Goiânia	52,1%	15,3%	28,3%	4,3%	100,0%
Anápolis	16,4%	26,5%	41,7%	15,4%	100,0%
Rio Verde	14,8%	22,4%	40,1%	22,7%	100,0%
Luziânia	18,2%	23,7%	48,4%	9,7%	100,0%
Itumbiara	19,3%	33,1%	37,0%	10,6%	100,0%
Catalão	21,9%	26,3%	40,2%	11,6%	100,0%
Valparaíso de Goiás	18,5%	12,9%	60,1%	8,5%	100,0%
Jataí	14,2%	26,7%	41,9%	17,2%	100,0%
Senador Canedo	19,6%	13,2%	62,9%	4,4%	100,0%
Niquelândia	22,4%	9,4%	59,0%	9,2%	100,0%
Alto Horizonte	7,6%	4,1%	78,4%	9,8%	100,0%

Fonte: RAIS/MTE, 2008. Elaboração própria

Já Senador Canedo, também vizinho da capital, mas com uma estrutura produtiva em geral, e industrial em particular, incipiente e pouco diversificada, tem sua maior concentração relativa de longe nos serviços sociais. O mesmo acontece com Valparaíso no entorno de Brasília. Niquelândia e Alto Horizonte também possuem essa característica apesar da forte produção industrial, em função da natureza de enclave de sua atividade industrial, já analisada.

Anápolis, Luziânia, Catalão, Itumbiara, Rio Verde e Jataí com estruturas industriais de média complexidade e diversificação, possuem estruturas de distribuição por tipo de serviços parecidas e mais próximas da média estadual. Algumas diferenças entre elas, entretanto, merecem destaque. Anápolis, Itumbiara e Catalão, em função de suas localizações estratégicas em termos logísticos, possuem uma participação relativa dos serviços distributivos maior que as demais. Luziânia, em função de sua localização no entorno de Brasília, possui, a exemplo de Aparecida, uma participação relativa dos serviços pessoais abaixo das demais (Tabela 9).

Considerações Finais

O trabalho mostrou que entre 1999 e 2008 verificou-se um expressivo crescimento das atividades do setor de serviços em Goiás em estreita relação com o processo de expansão industrial ocorrido no período. Estudos anteriores já haviam revelado que esse processo foi acompanhado de um movimento de desconcentração das atividades industriais da região metropolitana para o interior do estado. Desconcentração essa que ficou restrita a número reduzido de municípios. A presente dissertação comprovou a hipótese de que a distribuição espacial das atividades de serviço em sua expansão acompanhou a trajetória da indústria revelando, entretanto, um maior grau de concentração inicial e uma resistência muito maior à descentralização.

Ela revelou ainda que a dinâmica espacial diferencia-se entre os vários tipos de serviços, sendo que os serviços produtivos são mais fortemente concentrados na região metropolitana e que, diferentemente dos demais, teve sua concentração reforçada no processo de expansão. Na outra ponta os serviços pessoais foram os que mais se desconcentraram em relação à região metropolitana, reagindo à expansão populacional e melhoria de renda nos pólos industriais emergentes do Estado. Ficou demonstrado também que a pequena desconcentração dos serviços ficou circunscrita, ainda mais fortemente que a indústria, em um número limitado de municípios.

Os segmentos mais modernos dos serviços produtivos, estratégicos na localização das indústrias intensivas em conhecimento, revelaram-se os mais concentrados, mas apresentaram importante desconcentração, indicando que a agroindústria goiana, principal vetor de interiorização, demanda serviços cada mais sofisticados.

A disponibilidade de oferta de serviços é um fator locacional chave para a implantação e expansão da indústria, sendo um condicionante e ao mesmo tempo condicionada por essa última.

Outra conclusão de destaque do trabalho é que a distribuição relativa entre as atividades de serviços nos municípios se relaciona com o tipo de indústria, sua expansão e diversificação, grau de enraizamento local, bem como com a

posição do município no processo de polarização das atividades econômicas no Estado. O peso desse último condicionante ficou bem evidente no caso de Anápolis, município que mais ganhou posição relativa na produção industrial no período e, ao mesmo tempo, mais perdeu posição nos serviços, em função de sua particular localização em relação aos pólos de Goiânia e Brasília. Exemplos claros da importância do tipo de indústria, diversificação e seu grau de enraizamento na relação com a dinâmica dos serviços são os de Niquelândia e Alto Horizonte, onde a forte expansão de atividades de extração mineral, com características de enclave, teve baixíssima relação com a oferta local de serviços.

Referências

ALONSO, J. A. F. Diferenciais de Produtividade do Trabalho em Atividades do Setor Terciário nas Aglomerações Urbanas do RS: 1985-2002. Primeiras Jornadas de Economia Regional Comparada, 2005 - Porto Alegre – RS. Disponível em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/download/jornadas/2/e8-02.pdf>. Acesso em 24 jan. 2011.

ARRIEL, Marcos Fernando. Perfil Produtivo e Dinâmica Espacial da Indústria Goiana (1999-2007). Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Ciências Econômicas, 2010.

BECKER, B. K. (1986). A Crise do Estado e a Região. A Estratégia da Descentralização em Questão. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 48, n. 1, p. 43-62.

BORTOLI NETO, A. (1980) Tipologia de problemas das pequenas e médias empresas. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FEA - USP.

DOMINGUES, Edson Paulo; RUIZ, Ricardo Machado; MORO, Sueli e LEMOS, Mauro Borges. Estrutura e Dinâmica do Setor de Serviços no Brasil. In. Organização territorial dos serviços no Brasil: polarização com frágil dispersão. Cap. 06, p. 193-230, Brasília: IPEA, 2006.

ESTEVAM, Luís Antonio. Estudos: revista da Universidade Católica de Goiás. V. 32 nº 02 pág. 241-254, fev. 2005)

ESTEVAM, Luís. O Tempo da Transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás. 2ª ed. – Goiânia: Ed. Da UCG, 2004.

MARTINE, George. A Redistribuição Espacial da População Brasileira Durante a Década de 80. Texto para Discussão, 329. Brasília: IPEA, 1994.

NEGRI, João Alberto de; CASTRO, Paulo Furtado de; SOUZA, Natalia Ribeiro de; ARBACHE, Jorge Saba . Mercado Formal de Trabalho: Comparação entre os Microdados da RAIS e da PNAD. Brasília: IPEA, 2001.

KON, A. (2004) Economia de Serviços. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 1ª Edição.

_____. Sobre a economia política do desenvolvimento e a contribuição dos serviços. *Revista de Economia Política*, vol. 27, nº 1 (105), pp. 130-146, janeiro-março/2007. Disponível em <http://www.rep.org.br/pdf/105-7.pdf>. Acesso em 24 jan. 2011.

LEMOS, Mauro Borges; DINIZ, Clélio Campolina; GUERRA, Leonardo Pontes;. Pólos Econômicos do Nordeste e suas Áreas de Influência: uma aplicação do modelo gravitacional utilizando Sistema de Informações Geográficas (SIG). *Revista Econômica do Nordeste*, 1999, 568 – 584.

LEMOS, M. B., DINIZ, C. C., GUERRA, L., MORO, S.. A nova configuração regional brasileira e sua geografia econômica. *Estudos Econômicos*, v. 33, n. 4, p. 665-700, 2003.

MEIRELLES, Dimária Silva. O Conceito de Serviço. *Revista de Economia Política*, vol. 26, nº 1 (101), pp. 119-136 janeiro-março/2006. Disponível em: <http://www.rep.org.br/pdf/101-7.pdf>. Acesso em 20 set. 2010.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO. Secretaria de Planejamento e Investimentos Estratégicos. Estudo da dimensão territorial para o planejamento Volume II e III - regiões de referência Brasília: MP, 2008. Disponível em: <http://www.mp.gov.br>. Acesso em 25 jul. 2010.

MOTTA, Diana Meirelles da. AJARA, César. Configuração da Rede Urbana do Brasil R. paran. *Desenv.*, Curitiba, n. 100, p. 7-25, jan./jun. 2001. Disponível em: http://www.ipardes.gov.br/pdf/revista_PR/100/diana.pdf. Acesso: 25 jul. 2010.

PIRES, M. J. de S. Estrutura e dinâmica industrial: um estudo da região Centro-Sul do estado de Goiás. Conjuntura Econômica Goiana, Goiânia, n.12. Seplan-GO, p. 54-66, dez. 2009. Disponível em: <www.seplan.go.gov.br>. Acesso em: 02 set. 2010.

REGIÕES de influência das cidades 2007. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. 210 p. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/regic.shtm>>. Acesso: 08 set. 2010.

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DE GOIÁS. Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação. Produto Interno Bruto dos Municípios Goianos - 2008. Disponível em: <http://www.seplan.go.gov.br/sepin>. Acesso em: 12 jan. 2011.

SILVA, Ricardo Azevedo. Evolução recente do terciário (serviços) no Brasil. Ricardo Azevedo Silva. Campinas, SP: [s.n.]. 2009.

APÊNDICE

Quadro 5: Adequação do Setor de Serviços, Dividido em Quatro Categorias, Seguindo a Classificação de Browning & Singelmann(1978).

Código CNAE	Código CNAE 2.0	Atividade
Serviços distributivos	Divisão 45	Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas
	Divisão 46	Comércio por atacado, exceto veículos automotores e motocicletas
	Divisão 47	Comércio varejista
	Divisão 49	Transporte terrestre
	Divisão 50	Transporte aquaviário
	Divisão 51	Transporte aéreo
	Divisão 52	Armazenamento e atividades auxiliares dos transportes
Serviços produtivos - complementares	Grupo 016	Atividades de apoio à agricultura e à pecuária; atividades de pós-colheita
	Grupo 023	Atividades de apoio à produção florestal
	Divisão 09	Atividades de apoio à extração de minerais
	Divisão 33	Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos
	Divisão 39	Descontaminação e outros serviços de gestão de resíduos
	Divisão 43	Serviços especializados para construção
	Divisão 58	Edição e edição integrada à impressão
	Divisão 59	Atividades cinematográficas, produção de vídeos e de programas de televisão; gravação de som e edição de música
	Divisão 60	Atividades de rádio e de televisão
	Divisão 61	Telecomunicações
	Divisão 62	Atividades dos serviços de tecnologia da informação
	Divisão 63	Atividades de prestação de serviços de informação
	Divisão 64	Atividades de serviços financeiros
	Divisão 65	Seguros, resseguros, previdência complementar e planos de saúde
	Divisão 66	Atividades auxiliares dos serviços financeiros, seguros, previdência complementar e planos de saúde
	Divisão 68	Atividades imobiliárias
	Divisão 69	Atividades jurídicas, de contabilidade e de auditoria
	Divisão 70	Atividades de sedes de empresas e de consultoria em gestão empresarial
	Divisão 71	Serviços de arquitetura e engenharia; testes e análises técnicas
	Divisão 72	Pesquisa e desenvolvimento científico
	Divisão 73	Publicidade e pesquisa de mercado
	Divisão 74	Outras atividades profissionais, científicas e técnicas
	Divisão 75	Atividades veterinárias
Divisão 77	Aluguéis não-imobiliários e gestão de ativos intangíveis não-financeiros	
Divisão 78	Seleção, agenciamento e locação de mão-de-obra	
Divisão 79	Agências de viagens, operadores turísticos e serviços de reservas	
Divisão 80	Atividades de vigilância, segurança e investigação	
Divisão 81	Serviços para edifícios e atividades paisagísticas	
Divisão 82	Serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas	
Serviços Sociais	Divisão 53	Correio e outras atividades de entrega
	Divisão 84	Administração pública, defesa e seguridade social
	Divisão 85	Educação
	Divisão 86	Atividades de atenção à saúde humana
	Divisão 87	Atividades de atenção à saúde humana integradas com assistência social, prestadas em residências coletivas e particulares
	Divisão 88	Serviços de assistência social sem alojamento
	Divisão 90	Atividades artísticas, criativas e de espetáculos
Divisão 91	Atividades ligadas ao patrimônio cultural e ambiental	
Divisão 99	Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	
Serviços Pessoais	Divisão 55	Alojamento
	Divisão 56	Alimentação
	Divisão 92	Atividades de exploração de jogos de azar e apostas
	Divisão 93	Atividades esportivas e de recreação e lazer
	Divisão 94	Atividades de organizações associativas
	Divisão 95	Reparação e manutenção de equipamentos de informática e comunicação e de objetos pessoais e domésticos
	Divisão 96	Outras atividades de serviços pessoais
Divisão 97	Serviços domésticos	

Fonte: Elaboração própria, baseada em Browning & Singelmann (1978), Silva (2009), Castro (2010) e Comissão Nacional de Classificação - CONCLA, 2010. Site: <http://www.ibge.gov.br/concla/default.php>.

Tabela 10: Quantitativo de Empresas, Emprego e Renda Média, dividido por Setores - Brasil, Centro-Oeste e Goiás – 2007

	Indústria			Serviços			Agropecuária			Total de Empresas	Total de Empregos	Total da Renda Média
	Empresas	Empregos	Renda média (R\$)	Empresas	Empregos	Renda média (R\$)	Empresas	Empregos	Renda média (R\$)			
Brasil	431.966	9.250.267	1.255,77	2.192.547	26.975.093	1.264,84	310.935	1.382.070	666,56	2.935.448	37.607.430	1.241
Centro-Oeste	29.469	522.830	983,06	173.961	2.320.722	1.699,50	58.792	206.313	770,57	262.222	3.049.865	1.513,84
Goiás	13.976	237.438	946,60	68.249	755.156	1.083,21	25.166	68832	709,96	107.391	1.061.426	1.028,44

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego - M.T.E

Tabela 11: Quantitativo de Empresas, Emprego e Renda Média, dividido por Setores - Brasil, Centro-Oeste e Goiás – 1999

	Indústria			Serviços			Agropecuária			Total de Empresas	Total de Empregos	Total da Renda Média
	Empresas	Empregos	Renda média (R\$)	Empresas	Empregos	Renda média (R\$)	Empresas	Empregos	Renda média (R\$)			
Brasil	343.623	6.062.258	684,00	1.541.726	17.893.604	709,30	245.615	1.035.374	318,33	2.131.508	24.993.265	686,98
Centro-Oeste	19.670	282.369	513,12	106.942	1.513.480	845,25	37.964	118.190	375,83	164.634	1.914.612	767,44
Goiás	9.339	128.603	435,49	39.585	441.303	522,82	15.902	40.745	341,70	64.841	610.672	492,33

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego - M.T.E

Tabela: 12 - Classificação das Empresas na Indústria e no Setor de Serviços Quanto ao Porte* - 2008

	Micro			Pequena			Média			Grande			Total de Empresa				
	Indústria	%	Serviços	Indústria	%	Serviços	Indústria	%	Serviços	Indústria	%	Serviços	%	%			
Brasil	387.789	12,6	1.950.833	63,2	60.383	2,0	296.990	9,6	12.716	0,4	28.778	0,9	2.368	0,1	28.699	0,9	3.085.470
Centro-Oeste	28.731	10,2	158.333	56,3	3.609	1,3	23.896	8,5	675	0,2	2.195	0,8	140	0,05	2.254	0,8	281.052
Goiás	13.232	11,6	62.935	55,1	1.666	1,5	8.370	7,3	304	0,3	768	0,7	57	0,05	808	0,7	114.239

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego - M.T.E.- RAIS - 2011 - Elaboração própria

* Nº de Trabalhadores por porte da empresa na Indústria - de 0-19 - Micro, de 20-99 - Pequena, de 100-499 - Média e Mais de 500 Grande. SEBRAE

Nº de Trabalhadores por porte da empresa nos Serviços - de 0-9 - Micro, de 10-49 - Pequena, de 50-99 - Média e Mais de 100 Grande. SEBRAE.

Tabela: 13 -Classificação das Empresas na Indústria e no Setor de Serviços Quanto ao Porte* - 1999

	Micro			Pequena			Média			Grande			Total de Empresas				
	Indústria	%	Serviços	Indústria	%	Serviços	Indústria	%	Serviços	Indústria	%	Serviços	%	%			
Brasil	295.124	13,8	1.331.098	62,4	38.582	1,8	173.461	8,1	8.646	0,4	18.043	0,8	1.281	0,1	19.157	0,9	2.131.508
Centro-Oeste	17.245	10,5	92.007	55,9	1.999	1,2	12.328	7,5	380	0,2	1.172	0,7	46	0,03	1.435	0,9	164.634
Goiás	8.235	12,7	34.203	52,7	923	1,4	4.447	6,9	161	0,2	413	0,6	20	0,03	522	0,8	64.941

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego - M.T.E.- RAIS - Elaboração própria

* Nº de Trabalhadores por porte da empresa na Indústria - de 0-19 - Micro, de 20-99 - Pequena, de 100-499 - Média e Mais de 500 Grande. SEBRAE.

Nº de Trabalhadores por porte da empresa nos Serviços - de 0-9 - Micro, de 10-49 - Pequena, de 50-99 - Média e Mais de 100 Grande. SEBRAE.

Tabela: 14 - Classificação do Quantitativo de Empregados por Setor Quanto ao Porte* - 2008

	Micro			Pequena			Média			Grande			Total de Empregados				
	Indústria	Serviços	%	Indústria	Serviços	%	Indústria	Serviços	%	Indústria	Serviços	%					
Brasil	1.788.638	4,5	5.010.573	6,3	2.475.178	6,3	5.639.119	14,3	2.592.447	6,6	1.976.403	5,0	2.969.479	7,5	15.589.566	39,5	39.441.566
Centro-Oeste	123.274	3,8	399.082	12,4	141.903	4,4	449.413	13,9	136.387	4,2	150.746	4,7	167.034	5,2	1.441.334	44,7	3.223.987
Goiás	56.355	5,0	153.565	13,5	66.024	5,7	156.172	13,8	61.539	5,4	52.508	4,6	76.057	6,7	442.703	39,0	1.135.046

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego - M.T.E - RAIS - 2011 - Elaboração própria

* Nº de Trabalhadores por porte da empresa na Indústria - de 0-19 - Micro, de 20-99 - Pequena, de 100-499 - Média e Mais de 500 Grande. SEBRAE.

Nº de Trabalhadores por porte da empresa nos Serviços - de 0-9 - Micro, de 10-49 - Pequena, de 50-99 - Média e Mais de 100 Grande. SEBRAE.

Tabela: 15 - Classificação do Quantitativo de Empregados por Setor Quanto ao Porte* - 1999

	Micro			Pequena			Média			Grande			Total de Empregados				
	Indústria	Serviços	%	Indústria	Serviços	%	Indústria	Serviços	%	Indústria	Serviços	%					
Brasil	1.260.347	5,0	3.264.792	13,1	1.581.599	6,3	3.288.643	13,2	1.759.401	7,0	1.248.052	5,0	1.460.911	5,8	10.092.117	40,4	24.993.265
Centro-Oeste	72.507	3,8	226.502	11,8	78.143	4,1	230.637	12,0	74.021	3,9	80.610	4,2	57.698	3,0	975.731	51,0	1.914.612
Goiás	33.960	5,6	84.228	13,8	35.917	5,9	82.791	13,6	31.340	5,1	28.680	4,7	27.386	4,5	245.604	40,2	610.672

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego - M.T.E

* Nº de Trabalhadores por porte da empresa na Indústria - de 0-19 - Micro, de 20-99 - Pequena, de 100-499 - Média e Mais de 500 Grande. SEBRAE.